

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

SUZANE RODRIGUES CARDOSO

FALANDO A MESMA LÍNGUA

PEDAGOGIAS DE UMA PROFESSORA-MC

PORTO ALEGRE

2019

SUZANE RODRIGUES CARDOSO

FALANDO A MESMA LÍNGUA
PEDAGOGIAS DE UMA PROFESSORA-MC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como exigência parcial e obrigatória para a obtenção do título em Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof^a. Dra. S. Patrícia Fagundes

PORTO ALEGRE

2019

AGRADECIMENTOS

Concluir esse curso foi um processo que contou com muitas mãos e corações. Agradeço à minha família por ter sido o berço onde construímos nossa memórias e nosso afeto. Ao meu pai, por ter me ensinado que o conhecimento não é exclusivamente oriundo da sala de aula. Às minhas irmãs, por todas as brincadeiras e ensinamentos, cada uma a sua maneira. À minha mãe, por todo exemplo que é, de mulher, mãe e ser humano; por todo o apoio, companheirismo e parceria que construímos ao longo da vida. À minha filha, por toda a paciência, compreensão diante da minha ausência e todo amor que ela transborda e me ensina a transbordar. Ao meu companheiro, por o ser de fato. Quero agradecer à todas minhas professoras e professores, colegas e amigos, que me inspiram profundamente. À minha orientadora, por tanta generosidade, carinho e respeito.

Quero agradecer ao universo, por me permitir fazer da minha paixão, profissão. Ao Hip Hop e todas as culturas que nascem nas ruas. À cada poeta, cada mc, cada linha que escrevi e que escutei. Agradeço à universidade pública, de qualidade que puder frequentar, questionar, interferir e contribuir.

RESUMO

Falando do coletivo, falando da outra, falando de si, falando a mesma língua: um trabalho que aborda as experiências de uma professora que se descobre poeta e MC e investiga as provocações deste “entre lugar” marcado pela relação universidade/periferia. Partindo das vivências comoicineira em projetos sociais promovidos pelo Ministério da Educação nos anos finais do Ensino Fundamental de escolas públicas de Esteio (RS), a pesquisa considera as possibilidades de diálogo entre diversos aspectos da prática docente e da cultura hip hop – sobretudo da figura do Mestre de Cerimônias que emerge nesse contexto. Uma prática que busca encontrar e reconhecer meios sensíveis de aproximar realidades, assim como despertar a vontade e prazer na produção artística de si mesmo. Inspirada no princípio da autonomia no processo de construção do conhecimento, as pedagogias que são constituídas pela professora – e na professora – convergem com o aspecto autoral da poesia e do depoimento, característico do rap. Uma investigação sobre ser professora-artista, ser autora, ser promotora de diálogos.

Palavras-chave: Hip hop. MC. Escola. Teatro. Professora artista.

ABSTRACT

Talking about the collective, talking about the other, talking about oneself, speaking the same language: a text that addresses the experiences of a teacher who discovers herself as a poet and MC and investigates the provocations of this "between place" marked by the university/periphery relationship. Starting from the experiences as a teacher in social projects promoted by the Ministry of Education in the final years of public Elementary School of Esteio (RS), the research considers the possibilities of dialogue between various aspects of teaching practice and hip hop culture - especially the figure of the Master of Ceremonies that emerges in this context. A practice that seeks to find and recognize sensitive ways to bring realities closer together, as well as to awaken the will and pleasure in artistic production of oneself. Inspired by the principle of autonomy in the process of knowledge construction, the pedagogies that are constituted by the teacher - and in the teacher - converge with the authorial aspect of poetry and testimony, elements of rap. An investigation about being a teacher-artist, being an author, being a promoter of dialogues.

Keywords: Hip hop. MC School. Theater. Artist teacher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. SER PROFESSORA É UM SONHO EMPOEIRADO, EU TÔ PASSANDO A VASSOURA	12
2. DO HIP-HOP AO TEATRO, DA MÃE À UNIVERSITÁRIA	22
3. A PROFESSORA-MC SE FAZ EM VERSOS	43
3.1. A roda na rua e na sala de aula.....	46
3.2. Dinâmica de pergunta e resposta.....	50
3.3. Bate-volta.....	52
3.4. Depoimento é convite à valorização de si.....	54
3.5. Improvisar é saber utilizar seu repertório.....	56
3.6. O professor aprende, o estudante ensina.....	58
FALANDO A MESMA LÍNGUA	62

INTRODUÇÃO

“Um bom lugar

Se constrói com humildade, é bom lembrar”

(Um Bom Lugar, SABOTAGE, 2001).

Essa pesquisa é uma mixagem das lembranças de minha trajetória em salas de aula, como aluna e como professora de teatro, com os atravessamentos que a figura de atriz e MC - que também é parte fundamental do que sou - causam constantemente na minha prática docente. Trata-se de um resgate de memórias e experiências, de um desabafo, de um grito, de uma provocação à teorias empoeiradas sem corpo e sem prática. Na intenção de fazer jus à natureza do improvisado que é própria da minha prática artística e docente, de estar consonante à busca por uma educação sensível, que considere o indivíduo relacionando-o à sociedade e ao contexto em que está inserido, para tanto, procurei por espaços que pudessem ser *Um Bom Lugar*. Encontrei na cultura hip-hop o impulso da reinvenção, da criação que parte da impossibilidade. Essa vontade de (r)evolução, de aprender, reinventar e descobrir, que é o pulso do hip hop, alimenta minha prática como educadora e, portanto dá vida, instiga e desperta minha curiosidade nesta pesquisa.

A cultura hip-hop é o meio em que venho edificando minhas experiências artísticas, e dela parto para desenvolver os pensamentos que proponho nesse trabalho. Para elaborar essa investigação, defini o teatro como a linguagem a ser trabalhada pela prática da professora-mc, mas alerto que tal escolha não exclui a possibilidade de que professores-mc trabalhem outras linguagens e saberes. Esta pesquisa é mobilizada pela capacidade de aprender e ensinar que encontramos invariavelmente nas pessoas, nas mais diversas esferas sociais, e pelos estímulos que podem partir das práticas pedagógicas para o desenvolvimento dessas capacidades.

A prática de andar pelas ruas, frequentar rodas de batalhas de rima e competições de poesias faladas, popularmente conhecidas como *slams*, me arremessou para uma realidade que por muitos ainda é ignorada. Existe um nível muito elevado de entrega e devoção no contexto destes eventos culturais, que são como rituais sagrados, sobretudo nas batalhas de rimas. É durante

esses confrontos que as MC's e os MC's criam suas poesias através do improviso, compartilhando sentimentos, fraquezas, experiências e revoltas, o que faz de cada *round* um momento único e potente na sua efemeridade. Identificar, vivenciar e sentir essa experiência, sendo uma professora de teatro que ainda é aluna, foi determinante para que voltasse meu olhar às possibilidades nessa relação, teatro e hip-hop.

O teatro hip-hop é um dos tantos terrenos pelos quais essa pesquisa perambula e que descobri recentemente. Como um presente vindo das estrelas para uma pesquisadora ainda inexperiente, a noção do Teatro Hip-Hop foi proposta em livro, por uma das fundadoras do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, o primeiro grupo de teatro hip-hop do Brasil. Em 2018 tive a oportunidade de participar do Seminário do 13º Festival Palco Giratório Sesc/POA, que ocorre durante o festival em parceria com o Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFRGS, cujo mote foi *Práticas de Reinvenção em Tempos de Urgência*. Estive presente durante a fala de Roberta Estrela D'Alva, autora do livro *Teatro Hip-Hop: a performance poética do ator-mc*, e foi um momento extremamente emocionante, pois pela primeira vez vi meus colegas e professores, junto comigo, reconhecendo naquela obra, também a minha vida, as minhas referências. Guardo a lembrança desse dia com muito carinho, pois também foi a primeira vez que encontrei um livro de teoria teatral que falava a mesma língua, a minha língua.

É urgente aceitar que há uma cena cultural que é paralela aos conceitos de cultura legitimados pela universidade e pela escola básica, uma cena cultural em que os atores protagonistas são jovens da periferia. Fazendo parte dessa cena percebi que minha voz era amplificada, finalmente encontrei uma expressão de arte que fosse genuína para mim, que fosse sincera comigo mesma e com a minha história. Pensando na minha história, poeticamente fazendo uma construção literária para que em versos, pudesse elevar o meu conhecimento e de quem mais me escutava. Não tive dúvidas de que o rap era capaz de ensinar, era um espaço para aprender a *pensar certo*. Segundo Paulo Freire, o educador que *pensa certo* é aquele que sabe da efemeridade de suas certezas, entendendo historicamente o processo de construção de conhecimento como a alternância de dois momentos compondo um ciclo gnosiológico: “o em que se ensina e aprende o conhecimento já existente e o

em que se trabalha na produção do conhecimento ainda não existente” (FREIRE, 1996, p.14). No teatro hip-hop vejo a possibilidade de fazer a arte que se origina do conhecimento que vem das mais diversas experiências de vida, da vida que é real, da sociedade que por muitos é esquecida, por outros tantos, negligenciada.

Para entender que educação básica está distante da realidade que é compartilhada por crianças, adolescentes e jovens das periferias, não precisamos ir longe da nossa bolha social e cultural. É surpreendente o nível de dedicação das slammers, à escrita das poesias, previamente ensaiadas e decoradas, e também ao treino permanente e constante das MC's para improvisar bons versos, em contraponto ao grande desinteresse que toma conta das turmas de Ensino Médio na rede pública. Muitos desses jovens que estão nesses mesmos espaços culturais que costumo frequentar, que se empenham na sua valorosa função de poeta, estão matriculados na escola, porém vários deles já não frequentam regularmente, afirmando sentirem-se desestimulados e silenciados no ambiente escolar.

Algo está errado nessa relação de interesse e estímulos à experiência escolar. Esta percepção foi fundamental para entender que a escuta, aliada às propostas que fomentem a valorização de si, pode ser uma ferramenta que instigue a ação. A professora-mc é uma noção que venho propondo relacionada à prática docente, conectando procedimentos e experiências da professora, da atriz e da MC. Neste texto, busco relacionar fatores que me constituem como poeta e MC com noções que podem ser trabalhadas no fazer teatral. Acredito que a professora-mc, através da pulsão questionadora e propositiva de MC, possa promover uma prática que provoque a vontade de mobilização de barreiras sociais, que demarcam e acarretam tantas desigualdades entre os jovens brasileiros.

A distância entre a realidade dos estudantes e o formato da educação básica não se resume ao descaso com as escolas públicas, à profissão docente ou à administração falha das secretarias e ministérios Brasil afora. É extremamente necessário reconhecer que a educação pública no Brasil sofre as consequências da corrupção e descaso há muitos anos e, mais recentemente, retrocessos dos pequenos avanços que havíamos conquistado. Acredito que essa distância pertence também, à ordem das práticas

pedagógicas, dos espaços e estímulos, reservados à criação e à fruição, da arte, de si mesmo e das belezas que podemos gerar a partir dessa relação de propriedade do saber. O abismo quase paralisante imposto entre uma possível educação de qualidade e o sucateamento de escolas públicas, que contemplariam segmentos da população desfavorecidos economicamente, move esta pesquisa.

Com o pensamento aquecido e instigado a *pensar certo* por via do pensamento de Freire, e com a sensação de estar sendo abraçada por outro educador ao ler Rubem Alves, constituo meus referenciais de paixão e entrega à função do magistério. Nessas diretrizes minhas convicções são reconhecidas e renovadas, portanto, me apoio em suas ideias para estruturar as práticas que têm me constituído como educadora. Na luta para que ao menos seja possível diminuir as distâncias impostas por esse abismo, empunho a caneta e o microfone, nas salas de aula, nas calçadas ou nos palcos, e também nestas páginas, como ato de resistência e libertação.

As experiências libertadoras do teatro, intimidadoras da sala de aula, e desafiadoras da roda de rima, foram fundadoras de muitas questões, e me colocam em um lugar diferente do pesquisador que se apropria de algum conhecimento, linguagem ou cultura para torná-lo seu objeto de pesquisa. Sentir, viver e apreciar estas experiências constituíram o campo, a matéria e a própria curiosidade investigativa, mobilizada a partir da inquietação da prática. A universidade pública, gratuita e de qualidade, viabiliza desenvolver e conferir legitimidade às pesquisas como essa.

Encontro no Departamento de Arte Dramática a liberdade para pesquisar aquilo que me dá vontade, que detém minha paixão e seduz. Penso que ainda há muito a fazer em termos de diversidade de referências, por exemplo, que ainda permanece tímida apesar do esforço genuíno de muitos professores. Mas a luta é longa e seguiremos. Ao longo desse trabalho, faço diversas referências à cultura hip-hop e seus preceitos, elementos e valores. Insistindo no ato de documentar, legitimar conhecimentos e conferir valor ao saber empírico que a cultura das ruas pode suscitar, utilizo das definições propostas por um dos fundadores do hip-hop, Afrika Bambaataa, por exemplo. Mas também coloco no subtexto dessas linhas os sentimentos absorvidos das conversas que tive o prazer de ter, com grandes figuras locais da cultura hip-

hop. Mulheres e homens que trago como referências na luta por uma sociedade mais justa, por meio do hip-hop. Pessoas que trabalham como eletricitas, cabelereiras, vendedores, fotógrafas, serralheiros, advogados e sobretudo, muitos trabalham como educadores. Independentemente de suas profissões, essas pessoas dedicaram parte de suas vidas ao movimento cultural, atuando como idealizadores e promotores dos eventos que originaram as batalhas de rap, que é a estrutura que interessa a esse trabalho.

A fim de pautar minhas reflexões a respeito dos princípios e elementos da cultura de maneira coesa, optei por fazer uso de referenciais específicos sobre o hip-hop e suas origens, sem a pretensão de revisões históricas ou conclusões generalizantes. A cultura hip-hop tem uma gênese recente, apresentando inúmeras vertentes. Não é incomum encontrar mais de uma versão sobre um mesmo fato, ou definições contraditórias dos elementos e seus conceitos. Como muitos dos seus expoentes ainda estão vivos, a cultura hip-hop é uma história que está sempre sendo contada e reinventada partindo de múltiplas perspectivas. Como um organismo vivo que não abandona seu propósito de vida e renovação, é próprio de sua natureza que o hip-hop permaneça em constante movimento e processo de transformação.

Falar a mesma língua é uma proposta de escuta, de respeito e de amor. Em tempos de ansiedade, pressa extrema, caos social e político, desconfianças, retrocessos, violência, ódio e tantas outras formas de desamor, afirmar minha profissão – professora, atriz e mc – é uma afronta a essa onda de desmonte da educação, à toda forma de desvalorização da cultura e da arte, e à tentativa inútil de silenciamento das periferias. Enquanto houver professoras e professores que sejam capazes de falar a mesma língua dos estudantes, acredito que ainda haverá a possibilidade de vida, de resistência, porque acredito na educação e na arte como as mais potentes armas contra o ódio e a morte.

1. SER PROFESSORA É UM SONHEO EMPOEIRADO, EU TÔ PASSANDO A VASSOURA

Processos

Processos de ensaio, Processos de criação, processos de trabalho, processos de evolução. Reflexão tranquiliza. Organização pesquisa. A nossa mente é a nossa extensão. Passe livre é só na imaginação. Ter voz, todo mundo tem. Difícil é ter representatividade também. Sentada no chão, escrevendo no trem, pensando na troca, no que ninguém nota: que não tá tudo bem! A ganancia, ela vem, cegando o além do sonho de quem? De quem vem da quebrada, que pega todo dia a condução lotada. Tu mora de favor ou a tua casa é aluga? Pra sustentar essa barra pesada, é só quem é zika, as mina boca braba.

Mas até que um dia, eu vejo que o debate se amplia. Vejo respeito na fala da minha filha dizendo que eu posso ser quem eu quiser, que eu vou ser sempre a mãe dela, se eu for home, ou se eu for mulher. Chegar numa escola pra ser professora é meu sonho empoeirado, e eu tô passando a vassoura. A vida é gangorra e eu já tive lá em cima, mas foi aqui embaixo que encontrei amor nas rima. O papel com a caneta, a consciência escrita.

Pra falar de tudo, ou pra dizer nada, eu vou falando nessas linha, com a minha mente afetada. Essa dor que eu carrego de um mundo doente, que pesa nas costas só de quem faz diferente. Pra entrar na UFRGS eu fiz uso de cotas. Muito bota contra, pra eles o que vale é só a nota. A cor da tua pele, da onde tu brota. Pra eles não conta e pra nós fica a revolta. Saber que no curso pra veterinário tem cota pra filho de latifundiário, me faz entender que eles não são otário. A máquina é grande, pequeno aqui, é só o salário.

Durante minha trajetória como estudante, que ainda e sempre estará em curso, conheci diversas pessoas que foram minhas professoras e professores nas tantas turmas, escolas e tempos diferentes que habitei. Tempos das suas vidas, tempos da minha vida, tempos que se conectam nessa história que sempre nos foi contada como convinha à manutenção dos privilégios, o que influenciou no tempo que levei para perceber a relação constante e determinante, entre a minha existência, e o contexto à minha volta.

Foram tantas professoras que nunca esqueci, alguns professores também, mas poucos, afinal nós mulheres somos maioria nas salas “dos professores” – que melhor seriam definidas como sala das professoras, flexibilizando nossa língua do condicionamento do masculino universal. Sei bem que nem sempre foi essa a realidade das salas de aula, pois ainda no início da estruturação da escola, como instituição de formação, o corpo docente era formado apenas por homens. Segundo Guacira Lopes Louro, Doutora e Mestre em Educação, o magistério passou por um processo de “feminização”, que teve início em meados do século XIX.

Em algumas regiões de forma mais marcante, noutras menos, os homens estavam abandonando as salas de aula. Esse movimento daria origem a uma ‘feminização do magistério’, – também observado em outros países – fato provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens. (LOURO, 2000, p.449).

Em uma sociedade patriarcal, tal movimento fomentou a desvalorização da categoria que até hoje se mantêm, e ainda cresce exponencialmente, atualmente embalada pela onda de ameaças, censura e controle do trabalho desenvolvido pela docência. Vemos esse descaso e desprezo pelos professores, refletido nos salários miseravelmente pagos, muitos ainda parcelados, como é o caso dos professores do estado do Rio Grande do Sul que têm recebido seus pagamentos em parcelas desde 2014, por exemplo. Ainda assim, existimos com resistência. Fragilizadas pela estratégia de desmonte da educação, atrasadas pelas dificuldades, julgadas por nossa humanidade, seguimos movendo nossa história, ampliando nossa escuta, elevando nossa voz, pois somos constituídas de experiências, vivências e aprendizados.

A jornada é longa, e sendo vivida em um tempo que serve de transição para outros tempos, que rapidamente se dissolvem em novos outros tempos, ela é uma enorme colcha de retalhos, ou uma poesia inflada de versos onde uns rimam, e outros não, mas todos são partes de uma só existência, sendo de tantas outras também. Incontáveis experiências que vivi durante os anos de escola surgem em minha lembrança. Elenco aqui apenas algumas, na tentativa

de identificar figuras e situações que motivaram e inspiraram a escolha pela Licenciatura.

Essa decisão foi nutrida por anos, desde o início da alfabetização, quando nos fundos da minha casa montei minha primeira “sala de aula”. Havia uma escola na esquina da minha rua e haviam feito uma grande limpeza. Grandes sacos de lixo e caixas de papelão foram descartados em frente à escola, cheios de listas de chamada, matriz de mimeógrafo e desenhos para colorir. Dividimos as preciosidades que minhas amigas e eu encontramos, e depressa montei minha “escolinha” no pátio de casa com meus alunos imaginários. Reproduzia as ações que via minhas professoras executarem, inclusive as broncas, explicava o conteúdo que havia aprendido em aula e até elaborava provas e ditados. Sempre acreditando muito no que estava fazendo, inventava jogos com regras e explicava para minhas amigas, fingindo que o jogo já existia, e elas acreditavam. Hoje considero que esta brincadeira foi o princípio da formação da professora que eu seria, e também da atriz.

Ainda pequena, reproduzia cenas de novela e comerciais, passava horas em frente ao espelho criando expressões com o rosto, reproduzindo maquiagens de personagens que gostava. Antes de dormir apresentava para meus avós um telejornal, misturando as notícias que ocasionalmente eu escutava durante o dia com a minha fértil imaginação que criava as manchetes mais absurdas e improváveis. Minha irmã gravava, em uma fita cassete, um “programa de rádio” com direito a vinhetas, propagandas, ligações de ouvintes e claro, muitas músicas. Nossa rádio se chamava “Só Alegria” e eu participava da brincadeira cantando para fazer o fundo musical das propagandas, como ouvinte ou auxiliar do locutor, assim como meu pai, que dava boas risadas com as nossas invenções e também atuava nas vinhetas das propagandas. Vontade de atuar, predisposição ao fazer artístico e comunicação também fizeram parte de todo meu trajeto como aluna, sempre participando das apresentações em datas comemorativas, embora soubesse que meus pais não assistiriam, exceto raras vezes.

Permito-me seguir o relato das minhas experiências como estudante, pois atribuo a elas a vontade de desenvolver minha prática docente, na convergência do teatro com a cultura hip-hop. Ao planejar a escrita deste trabalho, entendi que seria importante escrever sobre mim – como aluna,

professora, mãe, militante e MC – e minha relação com a escola. Busco revelar em minhas palavras, a pessoa que aqui escreve, para que de alguma forma eu possa lhes falar do que aprendi, por meio de um texto que de algum modo incorpore voz, corpo, cheiro, respiração, tremor, amor...

Lembro-me de quem me ajudou a aprender e descobrir, de quem me mostrou que ser professora era ser o tempo todo, de quem me inspirou a aprender e descobrir a minha própria maneira de ser, de amar e construir a professora que constantemente se forma no agora. Lembro-me da professora Ângela, que me acolheu assustada no meu primeiro dia na pré-escola, assim como lembro da professora Ângela que garantiu que eu soubesse um bocado sobre geometria plana, sobretudo trigonometria, no Ensino Médio. A professora Marisa me ensinou a ler e a professora Luciana ensinou muito sobre ser uma professora legal, divertida e parceira. Sempre gostei de colaborar com as professoras e me lembro de ajudar a professora Rosa a limpar com o esfregão a escrita: “Racionais MC’s”, que os alunos do outro turno haviam deixado no armário compartilhado no fundo da sala. Enquanto esfregava, ela falava irritada e impaciente: “Racionais?! São irracionais, isso sim!”. Na época eu não tinha mais que dez anos, não fazia ideia de quem eram os Racionais MC’s e nem a relevância que as suas músicas teriam na minha vida, mas com a professora Rosa eu soube pela primeira vez o que era zerar uma prova, e conquistei a primeira nota abaixo da média em meu histórico escolar. Já o professor Jorge nos dava aulas de história acompanhadas de muito bom humor, aprendizado esse que pude rebuscar ao ser aluna de matemática do professor Adriano, que tinha um cachorro chamado Lupicínio e era sempre personagem dos problemas matemáticos a serem resolvidos.

Cada turma, cada ano, cada período, cada disciplina, cada nova paixão eram uma infinidade de possibilidades e experiências, sempre ou quase sempre, orientadas por uma vida diferente. Dentre tantas vidas e tantas experiências destaco algumas que foram fundamentais para a escolha da docência como trajeto compartilhado na minha vida. Com a professora Adenísia aprendi sobre relevo, latifúndio, capitalismo, Mercosul e também sobre a necessidade e a diferença de levar a sério a profissão. Trazendo lápis, canetas, réguas, apagador e giz dentro de uma caixa de ferramentas, ela nos mostrava que sabia usá-las, falando do mundo, das estatísticas e da natureza.

Cresci em Esteio, cidade pertencente à Região Metropolitana de Porto Alegre com cerca de 80mil habitantes, estudei desde a 1ª até a 8ª série, de 1996 até 2003, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Oswaldo Aranha, localizada no centro da cidade. Minha irmã do meio, que tem cinco anos a mais que eu, estudou na mesma escola por alguns anos até cursar o Ensino Médio em outra escola. Lembro dos comentários que minha irmã e as suas colegas faziam em relação à rigidez da professora Adenísia. Eram os piores e sugeriam que a aula de geografia seria uma tortura. Quando eu tive a oportunidade de viver essa experiência, descobri que a rigidez existia mesmo, mas acompanhada de muita paixão, que se materializava na eficiência na hora de ensinar. Os temas de casa eram feitos semanalmente com muita dedicação, algumas vezes até demais, pois eu gostava de escrever e assim respondia as questões com pequenas dissertações.

Com a mesma seriedade, mas com a doçura de quem lida com poesias e palavras vivas, a professora Regina tem um lugar especial na minha memória. Foi minha parceira durante um período em que, adolescente, experienciei um turbilhão de emoções e sensações que nem sabia que existiam; neste período essa professora foi resistente, generosa e ousada. As redações que aprendi estruturar partindo do modelo de escrita que ela nos passou, retumbam em minha escrita até hoje e pensar nessa maneira de escrever – que sugere um simples esquema onde o tema do texto fica ao centro, e os pontos a serem abordados vão derivando do tema central – facilita o planejamento de meus trabalhos. Além de muito divertida, a professora Regina era também corajosa, pois ir até a Feira do Livro de trem, de Esteio a Porto Alegre, acompanhada de aproximadamente vinte alunos, sendo ela a única responsável, hoje me parece um ato valente. Dentre tantas atividades divertidas e criativas, ressalto dois projetos que a professora Regina desenvolveu, eu participei e nunca esqueci. O projeto Autor Presente consistia em trabalharmos na leitura de um livro e o autor visitava a escola, conversava com a turma e conhecia nossos trabalhos sobre a obra. Custei a entender a dimensão dessa atividade, que oportunizou que eu conhecesse dois dos autores dos poucos livros que já havia lido. Custei a entender o quanto a presença do autor nos aproximava da narrativa, pois existia a possibilidade de tirar dúvidas diretamente com quem criou a história. Outro projeto que vivi e foi

determinante na minha experiência escolar foi o Amigos da Biblioteca. Ao fazer este relato, buscando memórias e tecendo reflexões, fico imaginando qual teria sido o motivo para a professora Regina ter sido deslocada das aulas de Língua Portuguesa – sempre criativas, eficientes, participativas e envolventes – para ser a “tia” da biblioteca, pois não havia uma bibliotecária contratada para o trabalho. O projeto Amigos da Biblioteca era destinado aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, que voluntariamente organizavam, cuidavam e atendiam os visitantes da biblioteca no turno inverso. Aprendi a catalogar livros, contar histórias e trabalhar em equipe.

O encanto com a vida escolar, o Ensino Fundamental, a escola bem administrada, estruturada, bem localizada, tudo ficou pra trás após a formatura da oitava série.

Durante o Ensino Médio passei pelo primeiro período realmente depressivo na minha vida, ocasião em que fiquei mais de 20 dias sem frequentar a aula, pois havia desenvolvido uma espécie de pânico da minha turma. A escola em que estava matriculada era muito diferente da escola que eu havia permanecido durante todo Ensino Fundamental, e boa parte dos alunos eram hostis, principalmente com os mais novos no colégio, o que era exatamente o meu caso. Fui transferida para outra escola pública, ainda em Esteio. Nessa escola – que tinha fama de parecer um presídio, que de fato parecia, pois era totalmente cercada por grades – vivenciei e entendi o que era a falta de estrutura da rede estadual, o descaso dos alunos e a desmotivação dos professores, a falta de ânimo nos funcionários, o desrespeito, a violência iminente, e foi na saída da aula que pela primeira vez tive contato com drogas ilícitas.

Essa escola tinha um sistema de divisão de períodos, em que cada sala pertencia a uma disciplina e os alunos que deveriam mudar de sala, o que possibilitava à maior parte dos estudantes demorar o máximo para se deslocarem até a próxima sala, e quase ninguém se importava. Nas aulas de geografia reencontrei a professora Rosa, lá da 4ª série, ainda apresentando o mesmo (mau)humor. Nas aulas de português e literatura conheci a professora Iris. Dentre tantas professoras cansadas, esgotadas, irritadas e desmotivadas, ela carregava um frescor na alegria que demonstrava ao ensinar. Demonstrava carinho e preocupação com os alunos na sua maneira de dar aula, e

provavelmente esse era o motivo pelo qual as aulas de português não eram tão vazias como as demais. Nos períodos em que não tínhamos aula, por falta de professores ou qualquer outro motivo – o que não era raro – sentados na escada, escutei pela primeira vez uma música dos Racionais MC's. Não lembro se foi no rádio que estava na sala, ou no rádio de pilha de algum colega, mas lembro que ainda não foi dessa vez que me apaixonei pelo rap.

Vivenciando o processo de separação dos meus pais e todas as dificuldades que provieram dessa situação, pude perceber realidades que confrontavam com a que eu vivia até então, inclusive a nova realidade que minha família se encontrava, pela primeira vez fora dos padrões normatizados. Minha mãe, minhas duas irmãs e eu, descobrimos juntas como lutar e enfrentar quaisquer que fossem as dificuldades, e assim permanecemos resilientes. Acho que nesse momento despertei para uma certa consciência de classe, para as desigualdades discrepantes nas escolas e na sociedade, as opressões sobre a mulher, dentre outras epifanias.

No mesmo ano, fiz um processo de seleção para uma escola técnica de Ensino Médio e fui aprovada para o curso técnico em mecânica industrial, que, mesmo sem ter concluído, me proporcionou diversos níveis de experiências com as ciências exatas. Nos corredores da fundação Liberato, conheci professores que nunca me deram aula diretamente, mas que levo como referência de docência pela competência, parceria com os discentes e posicionamento ideológico no que tangia a educação. Neste período, obtive muito conhecimento por meio da disciplina, que entendi ser necessária, mais naquela escola do que em outras que havia passado anteriormente. O pesar é que só me dei conta do quanto ser disciplinada nos estudos seria fundamental para ser aprovada, quando eu já estava repetindo o primeiro ano.

Era muito fácil perceber que eu não tinha a menor aptidão para o trabalho de operação de máquinas. Nas poucas vezes em que usei uma peça no torno CNC, na fresa, ou até mesmo manualmente com o auxílio da lima, conquistei pequenas cicatrizes nas mãos. Mas no âmbito do ensino regular, das disciplinas que são postas a prova nos exames, e no estímulo à cultura, essa escola foi fundamental para que, mais tarde, eu fosse aprovada no vestibular. Permaneci nessa escola até concluir o segundo ano do Ensino Médio, e foi lá dentro que tive a possibilidade de conhecer pessoas de outras

realidades sociais, completamente distantes da minha. Na Liberato, uma escola que mantinha seus portões abertos o dia inteiro, estudava a filha do motorista e da dona de casa – meu caso – na mesma sala que o filho do proprietário de uma das maiores fábricas de calçados da região do Vale dos Sinos, ou ainda a filha de donos de sítios, fazendas, agricultores. Lá que participei do primeiro protesto da minha vida, contra o governo Yeda, que na ocasião estava congelando o valor referente às mensalidades – os valores das mensalidades variavam de acordo com a renda familiar, após ser feita uma avaliação socioeconômica – que eram pagas diretamente aos cofres do estado. Cantei no palco pela primeira vez, desenvolvi bastante o senso de liderança, conheci pessoas de vários países nas ocasiões da feira MOSTRATEC (Mostra de Ciência e Tecnologia) e dei aulas de ballet no primeiro projeto de extensão da minha vida. Observando esse período da minha trajetória discente, vejo que a autonomia foi o maior aprendizado dessa fase. Fiz escolhas, mas também me permiti não escolher. Chorei muitas vezes por me sentir sozinha, mas também fiz grandes amigos que ainda mantenho. Eu ainda não sabia, mas estava experimentando a construção de conhecimento por meio da autonomia, conhecendo grandes referências de profissionais da docência.

Por conta de dificuldades financeiras, voltei a estudar em Esteio, na mesma escola que havia iniciado minha “saga” no Ensino Médio. Custava caro manter o transporte até Novo Hamburgo – em 2007 ainda não havia estação de trem na cidade – sem falar na alimentação, material, uniforme e a mensalidade referente à faixa social que fui classificada, sobretudo naquele momento, pois minha mãe casou novamente e eu fiquei morando sozinha, aos dezessete anos. Matriculada no turno da noite, descobri a responsabilidade de estudar e trabalhar, e também descobri que era bom sair à noite. Concluí o Ensino Médio apenas comparecendo a algumas aulas, fazendo provas e trabalhos, sem grande esforço.

O caminho por mim trilhado, considerando as escolas em que estive, as experiências que vivi, nesse trajeto orientado pelas professoras que me acompanharam, é parte fundamental da minha escolha profissional, do empenho que dedico às tarefas da docência, e da paixão que sinto por estar dentro de uma sala de aula. Ser professora é um meio de realização da figura que sempre imaginei que seria, e, sobretudo, ser professora para contribuir que

a escola seja um lugar agradável para todos que a frequentam. As escolas públicas em que estive durante o Ensino Médio foram espaços de ampliação da percepção social, do meu próprio espaço e do lugar que ocupamos no mundo. Além de me dar conta, passei a questionar as diferenças, mesmo que muitas vezes equivocada. Iniciava um processo de desconstrução de verdades que me haviam sido impostas e que então nunca haviam sido questionadas por mim. Por conta das experiências que fui adquirindo, a consciência social foi evoluindo, e assim permanece constantemente, afinal meu esforço tem sido para isso.

Primeira

Quando desconheci a mim mesma, eu tive que iniciar uma grande procura. Foi o início da minha cura, quase uma tortura. Saber quem eu fui e entender porque que a essência da gente se dilui, transforma, transmuta, fez com que eu colocasse tudo que eu sinto aqui dentro em uma constante luta. Senti o amor escorrendo no meio dos meus dados, totalmente dissolvido em um mar de medos, fez o meu corpo sucumbir. “Ei, levanta daí! Vem fazer o bem aqui onde a gente precisa de ti, pra te ver sorrir, progredir, evoluir, se redimir. No rap foi o bom lugar onde eu me encontrei. Cheguei, juntei, somei, representei e rimeí. Mas pra rimar eu tive que ir muito pr’além. Tive que entender todo esse vai e vem, entender o que convém, porque eu não queria ser refém, de nada nem de ninguém. Entendi que o amor só vem, quando a gente se faz bem e que a força dele, nem mesmo a magia detém. Isso eu aprendi com um mago que faz rima no trem.

Todo dia, o tempo todo, toda hora, a roda gira e ela gira rápido, sem demora. A irmãzinha aqui te implora se a real tu ignora, olha pro lado agora, ajuda a botar, por que tudo de ruim que no peito da gente mora, devora, chora. Eu vivo numa sociedade patriarcal, que me expõe a um machismo quase que total, e essa mesma sociedade quase me mata de ansiedade por que mulher de verdade não corresponde a essa porra de padrão comercial. Quer falar de machismo, de racismo, de homofobia, violação, depressão? Não! Eu quero falar de respeito, desses homi aí que foram eleito e que por nós nada tem feito. Quero falar de mulher que engravida, e que se não aborta se escraviza, porque tem um monte de macho que não realiza nada do que o textão do Facebook

dele atualiza. Eu quero falar é de mãe solo, 15 quilos no colo e ainda assim vai pra faculdade. A mãe tinha 23 anos e a filha 4 meses de idade. A professora de sociologia compreendia, entendia, acolhia, sorria. Outro dia eu tive um professor cuzão. Trabalha com necessidades especiais, mas não entendeu a minha situação. A filha doente, a testa quente. Levei pra aula, minha representação discente na busca da construção de um melhor ser docente. Naquela aula se fez presente, um saber incoerente. Um professor impaciente, diante da gente querendo ensinar sobre ser diferente. Alguém que não entende, que não ressurte essa medida indecente de resposta que recai sobre a gente.

A todas as mulheres, eu deixo o meu grito de resistência. Empodera tu consciência, descobre a tua essência, porque só o amor pode mudar tudo isso, lado a lado da paciência.

2. DO HIP-HOP AO TEATRO, DA MÃE À UNIVERSITÁRIA

“Hip-hop criado na rua, essa é minha cultura.

Pode acreditar!” (DA GUEDES, 1999.).

Associados da ACHE 2012



Fonte: Perfil da Associação da Cultura Hip Hop de Esteio no Facebook

Entender a raiz, a natureza do surgimento e principalmente o contexto em que nasce o hip-hop é fundamental para acompanhar a formulação da noção que proponho neste trabalho. A cultura hip-hop surge nas periferias de Nova York nos anos 70, e foi gradativamente se espalhando pelo mundo. No início da década de 70, bairros como o Bronx apresentavam uma grave situação de abandono social, provocada por um grande esquema de especulação imobiliária que trouxe sérias consequências sociais para a população, como o alto índice de homicídios. A cultura hip-hop aparece como alternativa à violência, trazendo para a população destas regiões a

possibilidade de expressar suas dores, revoltas, afirmações, denúncias e protestos por meio da arte. Nesse movimento surgiram os quatro elementos fundamentais à estruturação do hip-hop como cultura, segundo as definições identificadas pelo cantor, compositor, produtor musical e DJ AfrikaBambaataa: grafite, break, discjockey (DJ) e mestre de cerimônia (MC) (<https://revistaraca.com.br/afrika-bambaataa-e-a-origem-do-hip-hop/>). Podemos dizer que esses quatro elementos se referem, respectivamente, às artes visuais, à dança, música e poesia, mas todos eles devem estar em consonância com um quinto elemento, talvez o mais importante: o conhecimento.

Desde o seu surgimento, o hip-hop é vertente de desdobramentos de seus elementos, como o break por exemplo, que originou diversas correntes variando estilos, surgindo então o *locking* e o *popping*. Os elementos DJ e MC foram sendo transformados também, descobrindo técnicas e fazendo aquilo que mais me encanta na prática desenvolvida por esses artistas: tecendo relações. Relações que emergem do contato do artista com o público, do próprio DJ com o MC, que cria o *flow* (cadência ou levada) e a métrica de sua poesia, relacionando-a ao ritmo trazido pelas batidas. O grafite também trouxe suas variações ao longo da sua existência, mas a essência revolucionária de fazer das paredes das ruas grandes telas a céu aberto se manteve, abrindo espaço para uma gama de estilos como o *bomb*, o *wildstyle*, o *grapixo*, o *bubblestyle*, etc. O que nos interessa nessa história é que a cultura hip-hop se fez, e ainda se faz, da resistência à impossibilidade, à pobreza, à exclusão, à revolta, à fatalidade imposta pela realidade, mas não apenas.

Essas condições são propulsoras de um espírito de vida, festa, celebração e alegria, que se constitui em um lugar improvável, desqualificado pela sociedade como um espaço de violência, morte, miséria e caos. A atriz, poeta, MC, graduada em Artes Cênicas pela USP e mestra em Comunicação pela PUC-SP, Roberta Estrela D'Alva analisa as raízes do hip-hop em seu livro *Teatro Hip-Hop: a performance poética do ator-MC*, e define o movimento como

(...) um efeito colateral, uma explosão, a resposta de um corpo social doente que reage com uma febre que se recusa a passar e, como uma incontrolável peste às avessas, alastra-se pelo mundo corrompendo a linguagem, distorcendo corpos e rasgando a paisagem. (D'ALVA, 2014 p. 3).

Em um terreno hostil nasce a cultura hip-hop, por entre frestas e pequenas aberturas, mixando as dores com a poesia, compondo desenhos e sonhos, fortalecendo amizades, proporcionando momentos felizes, em meio a tantas barreiras e dificuldades.

No intuito de também fundamentar este trabalho na minha trajetória escolar desde a infância, analisei diferentes fases da minha vida na busca de identificar quais foram as barreiras que me foram colocadas, e também aquelas que eu mesma impus. Foi necessário entender esse percurso para entender a relação que a cultura hip-hop tece com o teatro e a educação na minha vida. Durante os momentos em que me coloquei a revisitar memórias, lembrei muitas brincadeiras, passeios, amigas, medos e descobertas. Lembro com muito carinho da minha infância e, fazendo esse resgate, lembrei da vez que escutei meu primeiro rap. Na ocasião, decorei o refrão, mas não me atrevia cantar, pois sabia que no alto dos meus 11 anos seria imediatamente censurada pelo conteúdo da letra. A música *Prostituta* da Nega Gizza foi meu primeiro contato com o rap. Lembro nitidamente que minhas amigas e eu, mesmo sem entender a profundidade e a seriedade da situação que estava sendo denunciada na letra, de alguma forma nos sentíamos representadas pelas linhas daquele refrão: “sou puta sim vou vivendo do meu jeito, prostituta atacante vou driblando o preconceito”. Mas foi mais tarde, aos dezenove anos, que escutei a música *Vida Loka Parte II* do grupo Racionais Mc’s. Naquele momento, eu percebi que eu realmente gostava de rap, que a letra daquela música falava sobre algo que me tocava, que era meu também, revivendo a sensação de ser representada por meio da poesia que estava ouvindo.

*“Às vezes eu acho que todo preto como eu,
só quer um terreno no mato, só seu.
Sem luxo, descalço, nadar no riacho.
Sem fome, só pegando as fruta no cacho.
Aí truta, é o que eu acho.
É o que eu quero também,
mas em São Paulo,
Deus é uma nota de cem.”*

(Vida Loka Parte II, RACIONAIS MC'S, 2000).

Esse verso me leva às lágrimas frequentemente, pois traduz na poesia uma vontade que compartilho, mas se mostra tão distante e utópica. Em contraponto, me coloco a analisar o movimento que esta vontade, diante da impossibilidade, causa na minha atitude na vida. Sinto a necessidade de agir, de lutar pra que seja possível sonhar, e vejo na educação a oportunidade de encontrar a rachadura no grande muro de impossibilidades que o capitalismo edifica diante de quem vem das periferias, de quem é negro, de quem é mulher negra, de quem é mulher. Confio que nós, professores e artistas presentes nas salas de aula, que buscam na educação um meio de transformação social, possamos promover essa infiltração, em busca da mínima abertura que possa surgir para afirmar que é possível sonhar e acreditar. Meu contato com o teatro e a cultura hip-hop só fez reforçar meu ideal de educação, mesmo que no princípio não fizesse ideia das proporções que essa relação alcançaria.

No teatro descobri, o prazer de ser arte, de tomar parte.

Através do teatro encontrei uma forma de conectar prazer artístico ao posicionamento ético e político diante da sociedade em que vivemos, e mais tarde percebi que o hip-hop e a docência também possibilitavam esta conexão. O prazer que sinto na arte, está na ordem do pessoal, do sabor que cada pessoa atribui ao que está experimentando, partindo das suas vivências, das suas dores, dos seus traumas, das suas boas lembranças e sentimentos. Esse prazer adquire sentido quando compartilhado, e o compromisso ético que assumo ao compartilhar minhas manifestações, ao expor aquilo que sinto, que acredito e defendo, pertence justamente à compreensão da multiplicidade de existências, e conseqüentemente, infinitos posicionamentos e opiniões. Acredito que essa compreensão deva ser baseada no contínuo respeito à realidade da vida, que é diversa, complexa e orgânica. Esse entendimento amplia a perspectiva de múltiplos pontos de vista, convidando à articulação de expressões artísticas que nascem nas periferias, aos variados e desiguais contextos sociais em que transitamos ao desempenhar a função de docente. O constante alargamento dessas percepções é fundamental para a afirmação da

arte como ferramenta de construção ética, política, filosófica e de apreciação da sua própria expressão.

Durante o momento em que pude vivenciar as múltiplas sensações de tantas descobertas e decepções, com os outros e comigo mesma, tive a oportunidade de viver o prazer de assistir um espetáculo que mudou a percepção que eu tinha de mim diante do mundo. No início de 2011, recebi o convite de uma amiga para assistir uma peça de teatro alusiva ao mês das mulheres. Lembro que fui até o local, motivada pelo fato de que haveria uma janta após o espetáculo, e como um amigo era o operador de som, nós fomos convidadas. Eu estava bastante sensível naqueles dias, vinha me sentindo perdida há um bom tempo, empregada, salário razoável, sem muita perspectiva de alcance profissional, mas com uma enorme vontade de fazer algo. Ao assistir aquele espetáculo simples, que hoje sei que não havia demandado muita produção, fui às lágrimas. As palavras que foram ditas e a maneira como as atrizes as diziam, pareciam direcionados a mim. Quatro dias após essa apresentação, eu estava em uma sala de teatro, participando da oficina Teatro para Todos, promovida pela Secretaria de Cultura de Esteio - que atualmente foi fundida como a Secretaria de Esporte e Lazer. Desde então, o teatro foi fundamental na decisão de ser professora. Naquele momento específico da minha vida, as aulas de teatro foram tão importantes, tão apropriadas ao que eu estava sentindo, que decidi que essa seria minha formação, na busca da possibilidade de proporcionar a outras pessoas a experiência que eu estava vivendo.

Grupo dá Pena de Não Ver – projeto Teatro para Todos (2012)



Fonte: Arquivo Pessoal

Meu encontro com a cultura hip-hop e o teatro aconteceu quase que simultaneamente. No ano seguinte a minha entrada na ACHE (Associação da Cultura Hip Hop de Esteio), eu havia ingressado na graduação em Teatro da UFRGS. Não sabia que o tipo de conhecimento que eu esperava encontrar nas aulas, não estaria ali, a menos que eu mesma trouxesse para dentro dos portões da universidade as minhas próprias referências. Esse movimento foi necessário para que os conhecimentos que estavam sendo compartilhados pelos professores fizessem algum sentido pra mim e provocassem minha curiosidade instigando, então, minha ação de estudante-pesquisadora. Reconhecer minhas referências como válidas foi um processo fundamental para que eu percebesse o espaço da graduação como um lugar propício à construção de saberes diversos. O problema é que esse processo foi lento, e um tanto doloroso. Documentar e legitimar meus saberes e minhas referências é o que suponho que estou fazendo enquanto escrevo esse trabalho. Foram tantos momentos de solidão durante os primeiros semestres, – apesar dos

vários amigos que fiz nesse período – acreditando não ser capaz de acompanhar o que estava sendo trabalhado a cada aula. Quando as poesias passaram a fazer parte da minha vida, elas também constituíram a artista e a professora que sou. Ser autora das minhas próprias poesias, conferiu à minha performance a propriedade de quem está depondo sobre seus próprios sentimentos, paixões e experiências.

É hip-hop por sobrevivência, não pelo cifrão!

É interessante pensar no quão potente a expressão por meio das artes pode ser, sobretudo se analisarmos as manifestações oriundas de culturas marginalizadas. No âmbito da cultura hip-hop concretizamos a potência a partir da própria existência, rompendo barreiras, ocupando, falando alto, quase que obrigando que nos ouçam, nos vejam, nos sintam e nos respeitem. Como educadora me interessa estimular o desenvolvimento e a valorização do conhecimento empírico, e também o reconhecimento do prazer na fruição e no fazer artístico. Toda a motivação e persistência de fazer algo que seja significativo, que seja meu, mas que também seja de outras, encontrou combustível e razão quando me deparei com essa cultura.

No dia 14 de julho de 2011, um amigo me convidou para participar de uma sessão na Câmara de Vereadores de Esteio, pois haveria votação para aprovação de uma proposta de lei. Esta lei, que na ocasião foi aprovada por unanimidade, instituiu a Semana Municipal do Hip Hop, a ser realizada anualmente, na segunda quinzena do mês de novembro, passando então, a integrar o calendário oficial de eventos do município de Esteio segundo a lei Nº 5325, de 14 de julho de 2011 (Esteio (RS), 2011). Quando percebi, estava completamente envolvida com o movimento, frequentando reuniões, conhecendo grandes figuras da cultura hip-hop no Brasil, fazendo falas em seminários, apresentando ideias, organizando e produzindo eventos. Fiz parte da primeira equipe de coordenação da ACHE (Associação da Cultura Hip Hop de Esteio) e também da primeira equipe de coordenação e execução do projeto Casa da Cultura Hip Hop de Esteio, a maior casa independente e sustentável

da cultura hip-hop da América Latina com 1536m² territoriais (segundo a página oficial do projeto no facebook, <https://www.facebook.com/cchesteio/>).

Reunião da ACHE, na calçada



Fonte: Arquivo Pessoal

Nesse mesmo período, iniciei minha experiência comoicineira de teatro, no projeto *Construindo um Novo Caminho*, executado pela Secretaria Municipal de Assistência Social de Esteio. O *Construindo um Novo Caminho* destinava suas atividades às escolas localizadas em regiões que, naquele momento, estavam em situação de vulnerabilidade social. Acredito que nesta fase tenha iniciado a caminhada que conduziria minha prática à convergência do teatro com a cultura hip-hop. Fase repleta de improvisos, surpresas, novidades e muitos desafios, que foram estímulos – ainda que muitas vezes, o desânimo tomasse conta – para que a cada conquista e a cada novo passo, afirmasse a mim mesma que eu havia escolhido um trajeto que me apaixonava e, ainda hoje, me apaixonava profundamente. Em abril de 2013, nasceu a Lara, minha filha, e por conta de toda a demanda que a nova realidade como mãe me colocava, optei pela primeira vez por me afastar da ACHE, e também do projeto das oficinas.

Primeiros associados da ACHE



Fonte: Perfil da Associação da Cultura Hip Hop de Esteio no Facebook

EM 2016 retomei as atividades comoicineira compondo a equipe de oficineiros no projeto *Mais Educação* em Esteio, – cuja experiência também será objeto de reflexão mais adiante nessa pesquisa – e voltei a frequentar as aulas da faculdade. Nossas percepções acerca do mundo estão, ou ao menos deveriam estar, sempre em movimento, remodulando, reconsiderando, relendo, retomando prioridades, ou descobrindo novos interesses, novas urgências. O nascimento da minha filha Lara fez mudar minha percepção acerca da minha graduação, e tão logo a conclusão do curso se tornou uma prioridade, justamente por esse objetivo alimentar meu desejo de chegar a algum outro lugar, de alcançar um ideal de bem-estar. Definitivamente não havia mais tempo a perder esperando que algum professor ou colega me ensinasse a ocupar meu lugar, validar minha presença e fazer valer cada hora longe da minha filha. Afinal essa luta era minha, e tomar essa postura diante da minha trajetória era uma atitude que cabia somente a mim. Cada minuto de aula era objeto da minha atenção, pois na realidade de mãe, não havia a mínima possibilidade de planejar algum horário de estudo em casa. As universitárias, pesquisadoras, artistas, professoras e toda sorte de trabalhadoras que são mães e me leem através desse texto, possivelmente sabem da preciosidade de

saber administrar seu tempo e valorizar as brechas de liberdade em meio ao enclausuramento que a maternidade pode trazer.

Embolamento Cultural 2017



Fonte: Arquivo Pessoal

Pra viver o hip-hop, eu não preciso de uma Casa.

Eu fico é na rua mesmo, onde a cultura mostra a cara!

Por muito tempo acreditei que estar presente na Casa do Hip Hop de Esteio fazendo parte da equipe gestora era a única possibilidade de defender os ideais que me constituem, de construir um espaço de educação e arte por meio da cultura hip-hop. Durante certo tempo, realmente foi. Um dos projetos que desenvolvemos durante anos na ACHE foi a implementação da Casa da Cultura Hip Hop de Esteio, e no dia 12 de novembro de 2017, finalmente inauguramos a *Casa da Cultura Hip Hop de Esteio Dona Flora e Jesuíno*, nome

que é uma homenagem à benfeitora do projeto e seu falecido marido. Flora Pigatto Acadorli cedeu, por meio de um contrato de comodato, o imóvel que abriga o projeto, localizado no centro da cidade. Uma senhora de idade avançada, mas com o propósito de compartilhar e ajudar, consciente da importância da sua atitude, carinhosamente chamada de padroeira do hip-hop em Esteio, Dona Flora visita a casa com certa frequência e sempre participa das cerimônias de comemoração do projeto, com muito entusiasmo e carinho.

Nega Gizza e Dona Flora



Fonte: Perfil da Casa da Cultura Hip Hop de Esteio no Facebook

No ano de inauguração da casa, me vi em um momento de enorme fragilidade. Minha saúde mental passou a ser afetada pela situação de pressão e cobrança a qual eu era exposta naquele espaço, pois eram raras as situações em que se considerava o fato de eu ser mãe solo, universitária e autônoma. Diante de constantes crises de ansiedade e pânico, decidi pelo meu afastamento definitivo do projeto em busca de alguma qualidade de vida. Neste mesmo ano, a ansiedade afetou minha rotina em todas as esferas, resultando em dois semestres sem nenhuma evolução na obtenção de créditos no meu histórico escolar da graduação. Neste contexto, escrevi minha primeira poesia e participei de um sarau, ainda dentro da Casa da Cultura Hip Hop, compartilhando as dores de ser mulher, de ser mãe e ser pobre na universidade, denunciando o quanto as estruturas reforçavam a ideia de que aquele espaço não me pertencia. Na verdade, essa sensação me

acompanhava não apenas na universidade, mas também quando refletia sobre a minha propriedade em relação ao teatro. Passei quatro anos me sentindo inferior à maior parte dos colegas da graduação, muitos convidados pelos professores para compor grupos, trabalhos e pesquisas, além de atuarem e produzirem, enquanto muitos ainda nem sabiam sequer meu nome.

A cada poesia que escrevia, eu podia lidar e reorganizar por meio das palavras os sentimentos que, naquele momento, estavam tão misturados, incompreendidos e desorganizados em mim. Obviamente, não foi de modo instantâneo que venci as crises de ansiedade, até porque ainda hoje elas me visitam, com muito menos frequência, mas sempre à espreita de qualquer gatilho. Além do benefício psicológico que os versos trouxeram para minha vida, por meio daquelas linhas fui descobrindo quem sou e como me vejo. A poesia me ajudou a recobrar a consciência de que existiam, sim, espaços e lugares que me pertenciam, mas que até então me eram negados. Cada verso que escrevi foi fundamental para minha afirmação como universitária, mãe solo que vinha da periferia de Esteio, da periferia da Região Metropolitana, estudante de artes cênicas – que é a periferia da universidade – e professora. Diante da sensação de inferioridade que vivenciei, conhecer o Slam foi essencial.

O Slam é uma competição de poesia falada, que aconteceu pela primeira vez em 1986, em Chicago. No Brasil, o movimento inicia na cidade de São Paulo em 2008, a partir da realização do evento Zona Autônoma da Palavra, idealizado por Roberta Estrela D’Alva. A competição consiste na apresentação de poesias autorais em até três minutos, que devem ser avaliadas por jurados, geralmente pessoas da plateia selecionadas pela organização no momento da competição. Até participar do *Slam RS* em setembro de 2017, eu não havia percebido a qualidade e a potência que a prática teatral poderia conferir à minha performance como poeta. Naquela ocasião, foi produzido um vídeo que obteve um alcance nas redes sociais maior do que esperado, despertando, então, a atenção de vários colegas e alguns professores. Por intermédio da poesia, senti que minha figura de artista havia sido elevada a outro “nível” diante de parte das pessoas que se consideram a “classe artística porto-alegrense”. Escrevo entre aspas, pois é

extremamente necessário dar evidência a essa expressão e a toda a carga egocêntrica que o seu uso suscita. Utilizar essa expressão também é um meio de segregar, de não reconhecer todos trabalhadores que também compõem a classe, afinal quem a define? A definição de quem é, ou não é parte desse grupo, me parece desnecessária, sugerindo assim, a existência de uma espécie de gabarito ou algum parâmetro que determine o que é ser artista, deixando de admiti-lo legítimo na sua diversidade e pluralidade.

Quando quero escrever, coloco a mente à deriva

O improviso sempre foi minha corrente criativa

Escrever sobre os atravessamentos do teatro, a cultura hip-hop e a educação durante minha trajetória têm sido um processo valioso. Na tentativa de expor os fatores que constituíram essa jornada, encontro dificuldade acerca da cronologia dos acontecimentos. Ao tratar da vida real, de uma existência subjetiva, complexa e múltipla, a escrita desvia e é desviada. Minha dramaturgia – a dramaturgia que venho improvisando em minha vida – se reorganiza em fragmentos desordenados, na finalidade de fazer algum sentido, ou de expressar de alguma forma, como foram constituídas as pedagogias que me habitam, que me provocam, que me pertencem. E isso é tão plural, tão diverso, tão próximo do que realmente se é, e tão distante do que nos é contado, do que nos fazem acreditar, pois nada é linear.

Libertar o fluxo de pensamento é também estimular a consciência sensível sobre aquilo que nos interessa. Desafio-me a tomar consciência do que é realmente pertinente, tanto ao processo de contar a minha história, como ao ato de registrá-la em forma de depoimento nessas linhas – que não estão em versos como no rap, mas que almejam improvisar parte do que é, ou que foi um dia, o meu universo. Essas ações remetem ao exercício que proponho à minha mente, toda vez que me inscrevo em uma batalha de rap.

As batalhas de rap são disputas de rimas improvisadas em rounds de confronto direto entre dois oponentes, competindo pelos gritos e aplausos da plateia. O público é responsável por votar no MC que, segundo sua opinião, fez as melhores rimas. Compondo o movimento da cultura hip-hop, as batalhas

iniciaram no Brasil na década de 90, se espalhando nas periferias e grandes centros do Rio de Janeiro e São Paulo. Aqui em Porto Alegre, pessoas que fizeram parte do movimento inicial dos duelos, afirmam que a primeira batalha que surgiu na capital gaúcha foi já extinta Batalha do Entre Bar em 2010, sendo seguida pela Batalha do Mercado que surgiu em 2011 e ainda ocorre mensalmente.

Durante os anos que fiz parte da Associação da Cultura Hip Hop de Esteio conheci muitas pessoas que desenvolvem atividades com um ou mais elementos, e não foi difícil concluir que na cidade e arredores, a maior parte dos artistas é MC, e homem. Sabia que minha experiência, como universitária, moradora da periferia, mãe e mulher, se fazia extremamente necessária naquele meio, e justamente por todo atrito e desconforto que minha presença e posicionamento veemente provocavam, percebi o quão difícil seria permanecer, afirmar meu espaço. Diante dessa realidade, penso que minha aproximação com o elemento MC foi inevitável, pois por algum motivo a minha voz era ouvida. Do preparo da voz, à postura corporal, minha persona como MC começou a surgir em 2016, e tão logo que também retomei minha participação na ACHE nesse mesmo ano, me tornei mestre de cerimônia dos eventos promovidos pela associação.

Batalha Resta 1



Fonte: Perfil da Associação da Cultura Hip Hop de Esteio no Facebook

Durante o período que estive como mestre de cerimônias da ACHE me tornei apresentadora da Batalha Resta Um e então, conheci o movimento das

batalhas de rap da Região Metropolitana. Nesse período, minhas rimas eram feitas apenas em pensamento enquanto apresentava a batalha, geralmente completando algum verso que o MC não havia conseguido finalizar, e foi então que pensei: “acho que eu posso fazer isso também”. Ainda antes de competir, frequentei diversas batalhas e foi na Batalha da Morte, em Canoas, que vi pela primeira vez uma MC batalhando contra um homem, e ao vê-la vencer, decidi que aquele ali também seria o meu lugar. Depois daquela noite, essa MC se tornou umas das minhas referências, o nome dela é Vicky Faustino e tenho muita alegria de tê-la como amiga. Iniciei minha participação nas batalhas de rap ao me inscrever e ser campeã da Batalha das Monstras, um dia depois de conhecer a Vicky. A Batalha das Monstras é um espaço destinado exclusivamente para mulheres batalharem entre si, permitindo a participação de homens apenas como ouvintes. Espaços como a Batalha das Monstras e o Slam das Mina, asseguram um ambiente acolhedor e mais compreensivo para as slammers e MC's, proporcionando maior liberdade, apoio e estímulo ao processo evolutivo das mulheres nas competições

Primeiro título na Batalha das Monstras



Fonte: Perfil da Batalha das Monstras no Facebook

Em menos de uma semana após minha estreia no circuito de batalhas, estava no palco de um grande festival de rap em Porto Alegre, batalhando

diante de três mil pessoas. A primeira edição do *Festival Rap in Cena* ocorreu no centro de eventos Casa do Gaúcho e contou com shows de artistas de grande expressão nacional e foi nesse evento que participei da minha terceira batalha, pois a edição que eu havia sido campeã na Batalha das Monstras me garantiu uma vaga para participar da Batalha do Olimpo. Essa batalha é promovida pela produtora Olimpo Produções e ocorre exclusivamente no *Festival Rap in Cena*. Ter feito parte dessa experiência inesperada, acabou me proporcionando um momento muito significativo, pois tudo estava acontecendo fluidamente, fazendo ampliar a certeza de que eu havia traçado até ali o melhor caminho possível. Eu não ganhei a batalha, mas ganhei a confiança de que eu era de fato uma MC de batalha, e do tipo que daria muito trabalho aos adversários. Têm sido assim desde então, dentro das minhas possibilidades, vontades e limitações, adotando a cultura hip-hop como guia, e incorporando em minha prática o espírito livre da MC que improvisa a forma como articula seus saberes, sem em nenhum momento dissociar desta figura minha perspectiva de educadora. A união do conhecimento e da MC dá o ponta pé inicial ao processo que resultaria neste trabalho, que é carregado de afetos, paixões e dores, mas acima de tudo, concretiza e investiga afinal a professora-mc que sou.

A rua é a selva, e as mina são as onça

Percebo a participação das mulheres nas batalhas de rima como um ponto delicado e polêmico na cultura hip-hop, ao menos aqui no contexto da região Metropolitana de Porto Alegre. Na capital gaúcha as opiniões e discursos se dividem a respeito das abordagens que as MC's fazem nos seus versos. As mulheres que aqui rimam (diferentemente dos homens que rimam), são constantemente questionadas acerca do seu real envolvimento e contribuição com a cena do rap e da cultura hip-hop, de seus posicionamentos e cobranças. Recorrente em todos os meios sociais, a opressão exercida pelo machismo e as imposições colocadas pela estrutura patriarcal resultam na tentativa de desqualificar nossas potências, pois afinal as qualidades que agregamos aos meios que frequentamos não são as mesmas que têm sido aceitas e validadas como um modo correto e apropriado.

Adoraria poder relatar que esta lógica de raciocínio é reproduzida apenas por homens, mas infelizmente ainda estamos nesse debate com outras mulheres, também na cultura hip-hop. Esse tipo de pensamento serve exclusivamente à manutenção do que nos é imposto hegemonicamente, como por exemplo conservar a prática de pensar nas batalhas como um espaço para homens, onde é considerado normal a presença na roda de homens apenas. Homens que abordam seus assuntos de homem, e somente estes assuntos, que são assuntos de homem, e que muitas vezes são os únicos assuntos considerados apropriados a uma batalha. Este contexto provoca muito o direcionamento da minha prática docente e social. Assuntos como abandono paternal, violência doméstica, feminicídio, homofobia e padronização social são recorrentes nas rimas feitas pelas mulheres. Acrescentar temas como estes à roda de rima se mostra uma experiência muito potente na troca de saberes e conhecimentos, que acontece através dos versos, tanto para os homens quanto as mulheres.

A maior parte das batalhas possui um sistema de cotas para mulheres, garantindo que no mínimo uma vaga será destinada a uma mulher, na ocasião de sorteio (quando há mais nomes inscritos que vagas disponíveis). Algumas batalhas ainda não utilizam este sistema, considerando que não é justo com os MC's homens e que não há justificativa para conceder tal vantagem às MC's. Particularmente, acredito que a presença de mulheres como oponentes na roda de uma batalha é sinônimo de desafio para o MC que tem como hábito estruturar seus versos em contextos machistas – o que, infelizmente, ainda é o caso de boa parte dos MC's que batalham. Esse ponto é um dos fatores que me estimulou à formulação da ideia de professora-mc. Na mesma medida que proponho o trânsito de aspectos da figura do Mestre de Cerimônias para a sala de aula, busco exercitar o movimento inverso. Ser mulher, mãe, professora, artista e estar no centro da roda de rima é um ato potente, de confronto, não apenas pelo fato de se tratar de uma batalha, mas porque ali somos ouvidas por um grupo de pessoas, a maior parte adolescentes, homens. A minha presença e de outras mulheres na roda é aprendizado.

Ter conhecido e trabalhado com parte das pessoas que movimentam a cultura hip-hop em Esteio e em toda Região Metropolitana de Porto Alegre - ou

que o dizem fazer – proporcionou-me estar presente em um sem número de reuniões, conversas, camarins, jantares e festas. Diferentemente do público das batalhas, essas pessoas já possuem uma estrada, uma imagem, um trabalho. Inicialmente, esse fator me provocou a sensação de que nesse meio seria possível germinar minhas aspirações de artista, professora e MC, mas depois de algumas experiências frustradas, percebi que pensar isso era um grande engano. Muitas dessas ocasiões foram regadas a boas doses de silenciamentos, comentários gordofóbicos, homofóbicos, assédio moral e muita misoginia. Essa frustração foi importante para que mais tarde eu reconhecesse no ambiente específico das batalhas uma possibilidade muito mais ampla de desconstrução, escuta e respeito. Afinal, a comunidade que se constitui no âmbito das batalhas é composta por jovens, adolescentes e adultos que, sobretudo, estão ouvindo outras pessoas, exercitando a alternância de fala, de lugar, de poder.

É importante ressaltar que assim como eu fui MC de evento no início da minha caminhada como mestre de cerimônias, existem outras mulheres que seguem desenvolvendo esse papel, criando, organizando e apresentando batalhas de rima na região Metropolitana de Porto Alegre. A Batalha do Mercado que é a mais antiga da cidade, fundada pela *hiphoper* Aretha Ramos, uma das maiores figuras locais no meio das batalhas de rima. Existem outras mulheres que desempenham essa função e cito aqui algumas delas na intenção de documentar as suas contribuições e registrar a importância dessas mulheres para o desenvolvimento da cena local. Mariana Marmontel, Dani Miranda Rata e Pietra são apenas alguns nomes de mulheres que contribuem para que esse movimento se mantenha vivo em Porto Alegre e região.

Aretha



Fonte: Perfil da Aretha Ramos no Facebook

Mari



Fonte: Perfil da Mariana Marmontel no Facebook

Dani



Fonte: Perfil da Daniele Miranda no Facebook

Rata



Fonte: Perfil da Carol Aguiar (Rata) no Facebook

Pietra



Fonte: Perfil da PietraSchuquel no Facebook

Agora que já contei sobre a trajetória que me trouxe até aqui, até o momento de concluir meu curso de graduação, de tentar (apenas tentar!) escrever e descrever sobre as experiências que concretizaram o conhecimento que conquistei, podemos seguir adiante. Entendendo a força e a relevância que a tríade teatro – hip-hop – educação representa para essa professora que aqui escreve, espero ser capaz de lhes apresentar as possibilidades e potências que descobri no atravessamento da figura da professora e da MC.

3. A PROFESSORA-MC SE FAZ EM VERSOS

Oficina de teatro do Mais Educação



Fonte: Arquivo Pessoal

Ao refletir sobre a professora que sou, que quero ser, ou ainda, a professora que não gostaria de ser, não dissocio as limitações e dificuldades que encontrei durante a trajetória como aluna da minha prática docente. Busco qualificar minha prática em favor do estudante que estará comigo, tecendo minhas formulações e reflexões com uma didática planejada, porém sensível. Acredito ser fundamental evitar que minhas ações como professora sejam castradoras e desestimulantes. Exponho também aqui, uma grande preocupação em não responsabilizar isoladamente o estudante por suas dificuldades diante do que é proposto pelo professor. Foram tantas situações em que o sentimento de inferioridade e incapacidade me limitou, tanto na educação básica quanto na graduação, que busco a valorização de todo e qualquer conhecimento em sala de aula. Ao reconhecer o lugar que por mim é ocupado, sem deixar de lado toda dificuldade que envolve a permanência de pessoas pobres na universidade, senti a urgência quase desesperada de falar.

No processo de reconhecimento e valorização de espaço, de lugar, de pertencimento, foi florescendo a certeza de que o que estava sendo dito não era para mim, e nem para meus pares que passavam também por aquelas salas de aula. As abordagens, os comentários, os exemplos, as citações, as referências e tudo mais que possa fazer parte da prática de alguns professores eram indiretamente direcionados aos colegas bilíngues, aos iniciados na carreira artística formalizada, aos que não precisavam trabalhar, aos que não precisavam dar conta das tarefas domésticas. Esse direcionamento eurocentrado e elitizado é cruel à medida que reforça as barreiras que nos são impostas, e por consequência torna as aulas excludentes, afirmando mais uma vez que nós, mulheres, mães e pobres, não deveríamos estar ali. Permanecer na universidade foi, desde o primeiro momento, a maior luta que travei. É um embate solitário, por mais que existam mãos que vez ou outra se estendam, pois a singularidade da realidade dos diversos estudantes parece ser desconsiderada na prática, apesar de ser bastante explorada em artigos e discursos inflamados em favor dos oprimidos pelo sistema...

Se a intenção é falar de opressão, então nos deixem falar! Permitam-nos dizer tudo aquilo que sabemos, o que já vimos e sentimos. Não aceitamos mais que nos silenciem, que nos limitem ao que é legitimado e ao que ignora nossas potências. Artigos bem empregados, verbos bem conjugados, plural bem aplicado e toda a sorte de formalização do conhecimento não nos têm agregado em quase nada. Nós que falamos daqui, das favelas, das ruas, das rodas, exigimos professores que nos escutem, nos considerem, comuniquem, que falem a mesma língua, a nossa língua.

Entendo que a profissão de professora requer muito mais que aprender conteúdos e transmiti-los, como em uma linha de produção industrial. A educação trata da troca, da experiência, da paciência, do respeito ao tempo, da valorização da individualidade, e ao mesmo tempo evidencia a importância do coletivo. No livro *Conversas com quem gosta de ensinar* (1980), não tenho dúvidas de que Rubem Alves conversa comigo. Ao longo do primeiro capítulo, Alves aponta as diferenças entre educadores e professores comparando-os respectivamente, a jacarandás e eucaliptos, propondo uma linda e sensível analogia. Jacarandás nascem ao acaso, em lugares determinados pela

natureza e demoram anos para se desenvolverem, ao passo que os eucaliptos crescem rapidamente e são geralmente plantados em larga escala para fins de produção comercial.

Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma fase, um nome, uma 'estória' a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma 'entidade' sui generis, portador de um nome, também de uma 'estória', sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal. Mas professores são habitantes de um mundo diferente, onde o 'educador' pouco importa, pois o que interessa é um 'crédito' cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que a ministra. (ALVES, 1980, p.13).

Gostar de ensinar é também gostar de aprender, assim como para falar é importantetambém escutar, observar e absorver. A escuta constitui o ato de falar, possibilitando a concretização da palavra, e não se faz passiva em nenhuma instância. Provocar que o estudante fale sobre o que sente, sobre o que entende, sobre o que sabe e o que conhece pode ser resultado de uma escuta atenta, ativa e humilde. Falar a mesma língua é também escutar quem está junto, da mesma forma que é necessário ao jogo da prática teatral, e também às batalhas de rima. Esse convite ao posicionamento, ao manifesto ou até mesmo ao silêncio como resposta, é um dos principais estímulos da construção dessa noção de professora-mc, pois a figura do mestre de cerimônias é também constituída desse ímpeto de protesto.

Para que eu pudesse alinhar as linguagens necessárias à constituição da noção de professora-mc, busquei aspectos presentes na prática do MC e relatei às noções que podemos trabalhar nas aulas de teatro, mixando os *saberes necessários à prática educativa*, subtítulo do livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire (1996). Estar atenta à conduta de educadora, independentemente do lugar em que estou, lembrando sempre que “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo” (FREIRE, p.16) é uma das premissas que regem a construção do docente que me interessa ser. Esse livro é um clássico na literatura da pedagogia, e assim como boa parte dos

educadores que se identificam com o pensamento progressista desenvolvido por Freire, o considero leitura obrigatória para qualquer prática docente. No momento em que li o patrono da educação do Brasil pela primeira vez, senti que a docência, da forma que ele nos explica, é parte da minha realidade, da minha proposta de vida, da minha prática como mãe que estimula a autonomia. A artista que sou, tanto como atriz, ou como MC, tem relação direta com o conceito de *pensar certo*, apresentado pelo educador como o conhecimento mais importante que um professor deve ter, para ser capaz de ensinar. O amor à docência e a devoção à arte me colocam a missão de administrar essas potências, e fazer uso delas é um modo de *pensar certo*.

Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja 'promoção' da ingenuidade não se faz automaticamente. (FREIRE, 1996, p.14).

Os pontos de intersecção entre a prática docente, a figura do MC e a teatralidade encontrada nas rodas de rima foram pensados e estruturados partindo de versos. Constituem as ideias que esbocei ao pensar nos fundamentos da prática da professora-mc, em uma tentativa de sintetizar uma noção que é concreta e subjetiva simultaneamente, e também uma tentativa de documentar as experiências vividas a partir desta intersecção. Encontrar o teatro, tornar-me professora e mais tarde descobrir-me MC foi um caminho não planejado, mas vivido. Documentar essa experiência é um ato político, e um ato de amor à educação, que se faz no pesquisar e investigar nossas inquietações, provocar a ordem que nos determina a espaços limitados. Minha tentativa de teorizar a prática pedagógica proposta pela professora-mc se concretiza nos próximos versos e pensamentos que aqui escrevo.

3.1. A roda na rua e na sala de aula

Não faz sentido, a professora

Nessa roda não entrar

Não se ensina o que se sabe

Nós aprende a ensinar

Pensar na sala de aula como um espaço circular, horizontal, onde todos ficam ao alcance dos olhos de todos me parece tão essencial que tenho impressão de que a aula não começa, de fato, enquanto não estamos na roda. Organizar-se em roda é ritual, é encontro, é convite, é acolhedor. É comum que essa seja a configuração espacial de uma aula de teatro, pois teatro também é ritual, é encontro e convite.

O encontro está sempre presente nisso que escolhemos chamar 'teatro', de maneira que a criação cênica, na medida em que estimula, forma e demanda espaços de encontro, se apresenta como um procedimento nada desprezível dentro de uma perspectiva de uma política concreta de proximidade, em que 'a arte já não busca representar utopias e, sim, construir espaços concretos' (Bourriaud, 2006 : 55) e modelar universos possíveis." (FAGUNDES, 2009, p. 38).

Ministrei oficinas no projeto Mais Educação no Centro Municipal de Educação Básica Oswaldo Aranha, a mesma escola que frequentei no Ensino Fundamental e é cenário da maior parte das lembranças que compartilhei no primeiro capítulo deste trabalho. Essas oficinas foram executadas em uma sala sem classes, especificamente organizada – dentro das limitações de uma escola municipal – para práticas de dança e teatro. Havia apenas uma mesa para o professor, uma parede de espelhos e, para os alunos, pequenos bancos que ficavam encostados nas paredes laterais. Quando a aula começava, imediatamente nos sentávamos em roda no chão, e iniciávamos nossas conversas, combinações e planejamentos.

Trabalhei nesse projeto com duas linguagens: o teatro e a dança. A maior parte das aulas de teatro que tinha como referência eram em roda - mesmo antes da roda de rima fazer parte da minha vida – e não fiz diferente na hora de planejar os jogos e exercícios de dança que, apesar de ter feito aulas de ballet por nove anos, foram um gigantesco desafio. A partir da roda trabalhamos a frontalidade, o foco, a projeção vocal, a percepção espacial, dentre tantas outras possibilidades que exploramos. Estar em roda nessas

aulas, me colocou também como participante das atividades, e não apenas como condutora. Muitas vezes os exercícios que propunha, eram modificados por efeito das sugestões que partiam dos estudantes. Essa fluência do lugar de quem propõe é própria da roda, assim como podemos ver essa fluência se manifestar na roda de rima.

Fazendo essas análises na busca de identificar essas relações existentes, permito o movimento quase inevitável de comparação à prática de outros colegas docentes, e percebo que os processos de criação e ensaio dos trabalhos que produzimos nas oficinas foram estruturados democraticamente. Acredito ser uma das exceções em relação à maior parte dos trabalhos que vemos nas mostras artísticas das escolas. As apresentações feitas sob encomenda pelo calendário festivo das escolas, são muitas vezes sofríveis para os alunos que, sem terem sido consultados sobre a sua vontade de entrar em cena, são obrigados a decorar e dizê-lo forçosamente, excluindo da prática teatral umas das sensações mais valorosas da cena: o prazer. Nossas apresentações eram cheias de peripécias na dramaturgia e carregavam na estética muito dos interesses da turma. Credito essa qualidade também a outras propostas trazidas para as aulas, mas não tenho dúvidas de que as conversas em roda e a horizontalidade no momento da criação, foram definidoras para que essas outras práticas também funcionassem.

A palavra circula dentro da roda, as ideias se cruzam e são trocadas. Na roda os conhecimentos podem ser compartilhados, sem hierarquias. Criar possibilidades, tecer redes, proporcionando um ambiente fértil, seguro e acolhedor são os saberes que julgo necessários para que exista aprendizado, sobretudo na linguagem artística. Encontrei na roda, uma ferramenta que auxilia na criação dessas possibilidades, e nas palavras de Paulo Freire, encontro a certeza de que a aula em roda é consonante a uma educação plural, generosa e revolucionária. Ao iniciar o desenvolvimento de suas propostas acerca dos saberes indispensáveis ao professor, Freire nos fala sobre a importância de que o estudante que está em busca da formação docente, entenda ainda como aluno, quem são os sujeitos responsáveis pela construção de conhecimento.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 13).

Entender a minha responsabilidade sobre a formação que busco foi fundamental para que eu mudasse a maneira como eu entendia o ambiente da sala de aula. A sensação de estar totalmente perdida, durante um simples exercício de respiração no meu primeiro dia de aula prática na graduação, foi propulsora de toda essa vontade de aproximar os meios didáticos na área teatrala quem não é iniciado nos palcos ou plateia. No fundo, essa pesquisa é uma proposta de que aula seja uma grande cerimônia, onde a professora é a mestra, e sendo então uma aula ministrada por uma professora-mc, a sala de aula seria transformada em um ambiente festivo, de criação e fruição, como deve ser o teatro por si só. A intenção é também tirar do foco da prática do teatro como produção de espetáculos nas escolas, a retrógrada imposição de apresentações encomendadas para datas como os dias das mães e dos pais, a páscoa, o natal e festa junina, dentre outras, que acabam ditando o andamento das aulas, e ignorando a vontade daqueles que mais importam no processo educativo: os alunos.

É o meio festivo de uma prática prazerosa do teatro que resulta em um ambiente de estímulo à construção de conhecimento, de troca de saberes que são compartilhados e agregados, de valorização daquilo que se tem a oferecer. Também local de construção coletiva de saberes e de horizontalidade, na roda de rima prevalece a troca, a escuta e sobretudo, o poder da fala. Esse ambiente é próximo a uma grande conversa ordenada, onde cada um tem sua vez de falar, todas as falas são ouvidas e qualquer diferença de opinião é resolvida na habilidade de argumentar. As MC's que apresentam as batalhas ficam encarregadas do controle em relação às conversas paralelas na roda durante os confrontos. Essa característica das batalhas foi pontual para que eu identificasse a proximidade das professoras com as mestras de cerimônia das batalhas - a ponto de achar pertinente desenvolver uma pesquisa no meu trabalho de conclusão da graduação acerca dessas relações que constituem a noção de professora-mc. A MC que me refiro quando escrevo, vai além da MC

que rima, que improvisa. Ser mestre de cerimônia dentro da cultura hip-hop é saber conduzir a festa, a celebração, sempre mantendo o respeito presente na roda. Pensando assim, posso dizer que ser professora-mc é saber conduzir o que acontece na roda da aula respeitosamente, pois aula também é ritual, é celebração, é cerimônia.

Além das rodas que as MC's e os MC's formam voluntariamente enquanto esperam o início da batalha, ou simplesmente estão reunidos por qualquer outro motivo, existe a roda organizada especificamente para a batalha e essa, mais do que qualquer outra, é local de respeito e troca. Da mesma forma que é recorrente na sala de aula, nas rodas de rima também se fazem presentes aqueles que desrespeitam os demais e o movimento, que não cooperam com o coletivo. Mas geralmente são cobrados pela maioria dos frequentadores. Afinal, a roda é viva, se faz, refaz, mantêm, aproxima, acolhe, circula, apreende, ensina e cobra.

3.2. Dinâmica de pergunta e resposta

Se eu te faço uma pergunta

Eu espero uma resposta

Não tem resposta certa

O pensamento é minha aposta

Nas batalhas de rima improvisada, a estrutura que determina o andamento dos confrontos é organizada em ataque e resposta. Na cultura hip-hop chamamos a primeira rima do round de linha de ataque, - mesmo nas batalhas de conhecimento que são batalhas voltadas à demonstração de domínio e conhecimento sobre variados assuntos – e depois, o adversário tem direito à linha de resposta. Quando a batalha é entre dois MC's que têm maior habilidade no encaixe da métrica necessária, ou um conhecimento mais aprofundado sobre o tema da batalha, fica evidente a elevação do nível do confronto, e conseqüentemente o nível de concentração e fruição do público

que está assistindo. A partir da observação dessa estrutura é possível sugerir uma relação muito próxima a estrutura de um diálogo de uma cena de um texto teatral.

Os exercícios e jogos teatrais que buscam trabalhar a noção de contracenação propostos pela professora-mc, podem surgir da referência de ataque e resposta dos rounds, que muitos jovens e adolescentes das periferias e grandes centros, já estão familiarizados em consequência da popularidade das batalhas de rima, por exemplo. A exploração das possibilidades que podem emergir a partir dessa característica das batalhas, me parece muito fértil. Penso que essa estrutura em que podemos fundamentar o desenvolvimento das aulas, sugere a necessidade desenvolver a cooperação, a escuta e o posicionamento. Estes valores passam a ser agregados ao processo de aprendizado, para além do conteúdo ou noção que está sendo trabalhado em aula, cumprindo mais uma vez, o compromisso com a prática de pensar certo.

Fuiicineira do projeto Mais Educação antes mesmo de ter experiência como MC, e já havia agregado a dinâmica de pergunta e resposta para o andamento de algumas atividades, como os jogos com bola, por exemplo. Por diversas vezes vi professores e líderes de grupos utilizarem o “objeto da palavra”, o que poderia ser uma garrafa, uma caneta, uma caixa, uma bola, enfim, passei a utilizar desse artifício para organizar as rodas de conversas. Materializar a vez de falar em um objeto é uma saída muito eficaz, sobretudo quando estamos nas salas dos primeiros anos do Ensino Fundamental ou ainda mais, na Educação Infantil. Mas ainda assim, acredito que trabalhar a dinâmica de pergunta e resposta em si, pela sua própria natureza dialógica, sem a intervenção de algum objeto, seja um exercício mais aprofundado na apreensão do valor que devemos dar à própria voz, e a do outro também.

Obviamente tenho ciência de que não sou a primeira professora de teatro que utilizou a bola como objeto para trabalhar a alternância de quem está falando, a escuta, a projeção, etc. O que me é caro aqui, é realmente pensar como as estruturas dessas proposições, além de também ser transformadas em noções desenvolvidas nas aulas de teatro e talvez em qualquer outra, podem ser levadas para a vida. A cultura hip-hop é parte fundamental da minha estratégia pedagógica por que traz na sua raiz, na sua

essência, o diálogo com a realidade. Sem julgamentos morais, busquei trazer para as oficinas que ministrei, a valorização à resposta, ao ato de manifestar e expressar o que cada estudante queria trazer e como se sentia. Sem uma única resposta certa, o que estava sendo desenvolvido era a ação de responder, de perguntar, e de atacar, se necessário for.

Propor a escrita desse trabalho, que tem como objeto de curiosidade o atravessamento da cultura hip-hop com o teatro e a educação é também, propor a mim mesma, a valorização do que venho trabalhando, do que posso compartilhar a fim de contribuir com a profissão. É uma forma de resposta ao ataque que lancei para mim mesma, desacreditando na pertinência do que venho desenvolvendo ao me constituir professora, professora-mc.

3.3. Bate-volta

Passa a resposta pra mim

Que eu devolvo pra ti

No bate-volta é que acontece

As melhor rima do meu free

Na procura de uma sala de aula viva, com alunos curiosos, formadores de suas opiniões e formuladores de perguntas, aposto na construção simultânea e coletiva de novos conhecimentos, que se transformam à medida que são compartilhados e incorporados pelo todo. Cada estudante traz consigo suas referências de jogos e brincadeiras, juntamente com a regras por eles já conhecidas.

Minha proposta como educadora, parte do princípio de instigar a fazer algo que, independentemente do nível de aprofundamento do estudante, esteja relacionado ao que ele vive, àquilo que ele percebe do mundo a sua volta. Para que o interesse desse estudante seja despertado de forma orgânica e honesta, acredito que ele deva ser incluído como formulador e autor das horas que permanece em aula, como sujeito das atividades a serem propostas e sobretudo, autores do seu repertório de conhecimento, e não objetos.

A estrutura de bate-volta é aplicada na maioria das batalhas de rima e sugere que as rimas sejam alternadas entre os MC's, não havendo uma divisão

em blocos de quarenta segundos de linhas de ataque e resposta, como acontece na maioria das batalhas. Batalhando ou assistindo outros MC's batalharem pude verificar que durante os rounds que eram estruturados no bate-volta, o nível das rimas parecia elevar diante da resposta imediata do oponente e da necessidade de rapidamente superar o ataque que era feito. Pensei então, que a alternância do lugar de fala durante o bate-volta poderia ser interessante se levada para a minha prática como professora e difundida nas aulas.

O momento em que a professora-mc propõe uma atividade deve ser coordenado afim de que as instruções sejam trazidas com objetividade, observando o uso de uma linguagem apropriada ao grupo de alunos com que se está trabalhando. As instruções podem assumir uma forma aberta, de maneira que qualquer estudante possa sugerir alguma alteração nas regras ou questioná-las.

Uma boa instrução permite que os jogadores optem entre várias soluções, que inventem uma gama de respostas. Uma instrução muito fechada não possibilita o jogo, ela sugere que existe uma 'boa resposta' prevista com antecedência. Ela fornece a solução no momento que a instrução é formulada." (RYNGAERT, 1985, p. 66).

A docência é uma profissão que exige um certo conforto ao realizar tal atividade com êxito e prazer. Estar diante de muitos outros seres, que vivem e pensam de maneiras distintas, desempenhando a função de lhes ensinar sobre algo que já está dado, e ainda permanecer ciente da mobilidade necessária à promoção de outras novas descobertas e conhecimentos, para que assim então, a sala de aula seja um ambiente propulsor da curiosidade necessária ao estudante-pesquisador, parece um posto complexo a ser ocupado. Devemos pensar na postura do professor que está na sala de aula, como alguém que acompanha, que estimula, e não como alguém que determina os fatos, que ignora possibilidades desconhecidas e promissoras.

Jogar no teatro, jogar na sala de aula, representar o seu próprio texto, a sua própria escrita e apreciar essa relação que se constitui entre o aluno, o professor e o conhecimento por eles construído coletivamente é desejo dessa professora-mc. Aceitar o que o estudante fala, elaborar uma devolutiva que seja estimulante e procurar o prazer que reside nesse jogo, é uma prática que

me atrai, que me convida a continuar, a ter vontade de estar, de viver a sala de aula, da mesma forma que vivo a cultura hip-hop.

3.4. O depoimento é convite à valorização de si

*Quando começo a rimar
Sinto minha alma libertar
A parte boa e a parte ruim
Que às vezes tento ignorar*

Conhecer a si mesmo é mais uma das funções que estão implícitas na prática do MC. Letras de rap geralmente são depoimentos, cartas e histórias, muitas vezes reais. Falar também é um ato de reviver, de registrar e de compartilhar. Compartilhamos nos versos das poesias as nossas alegrias, a nossa revolta, a nossa batalha, e é somente minha essa história, mas ainda assim ela é paradoxalmente de outras. Outras mulheres que se identificam com as dores que sinto ao ser esmagada por um estreito padrão de beleza; outras universitárias que também saibam o que é escolher entre o pastel e o polígrafo pra aula do dia seguinte; outras estudantes trabalhadoras que estão conformadas em não comprar o polígrafo, afinal não lhes resta tempo sequer para a leitura. Gosto de um verso do Criolo – MC que identifico como uma grande referência no rap - que eu gosto muito e que diz:

*“Só pode falar de vida quem vive,
só pode falar de sofrimento quem sofre,
só pode falar de amor quem ama,
só pode falar de flow quem desenvolve”*
(Breáco, CRIOLO, 2006)

O depoimento é proposto como jogo e exercício de criação na prática do teatro hip-hop, iniciado no Brasil pelo grupo teatral Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e documentado pela integrante Roberta Estrela D’Alva no livro *Teatro hip-hop: a performance poética do Ator-mc*. Acredito que o depoimento é potente ferramenta para as salas de aula e quaisquer outros ambientes

educativos. Através do exercício de depor acerca de algum fato ou de si, é possível refletir e também reinventar a si mesmo. A natureza revolucionária presente nas palavras do MC ao escrever as suas letras de rap, é uma das propriedades da poesia das ruas, - seja aquela que é recitada nos slams, ou as que são improvisadas nas batalhas de rima – que me parece ser a mais potente ferramenta de transformação social, e que também se faz presente em todos elementos da cultura hip-hop. Dar-se conta de quem é, do lugar que lhe foi reservado no mundo por conta de padrões e definições que não nos dizem respeito, compreender as velhas estratégias de segregação - velhas, porém eficientes! – e conseqüentemente aprender a pensar certo afim de fazer certo, foram saberes que possivelmente obtive durante a experiência da escrita poética e das rodas de rima improvisada.

Falar de si é também parte da ação da professora-mc, pois a cumplicidade que se constrói ao compartilhar as suas próprias histórias, - ou até mesmo a sua própria perspectiva em relação a um fato relatado - é campo fértil para a confiança tão fundamental e necessária para a prática do teatro. “Abaixa a guarda e abre o peito” é o grito do Slam Chamego e acredito que exemplifica muito bem o que a poesia provoca em quem escreve, em quem declama e em quem escuta. A identificação dos seus pares, e a promoção de educação entre esses, são grandes aliadas na relação de interesse do aluno com o saber a ser desenvolvido em determinada disciplina. Portanto, considerando os limites a ser considerados numa construção saudável de uma relação aluno-professor, a conversa franca e a procura por afinidades por parte da professora, é fundamental a prática da professora-mc.

Ressalto aqui, a importância de se ter cautela ao elaborar atividades nesse âmbito do depoimento, pois é possível que os estudantes acessem memórias, traumas e outras situações com as quais nós, docentes não somos previamente preparados. Uma estratégia interessante para que se possa trabalhar nas aulas de teatro esse tipo de texto, é propor aos alunos a criação de personas, que serão as autoras diretas desses depoimentos. Nesse tipo de atividade também é interessante elaborar perguntas que estimulem o senso crítico, o posicionamento e a relevância das individualidades para o coletivo.

Quando uma professora confia aos seus alunos parte das suas histórias, da sua personalidade, do seu universo, eles se sentem convidados a

viver essa história também, como parceiros de descobertas e não como um subordinado, muitas vezes com razão insatisfeito e revoltado com a escola. Se a escola não é um espaço para falar de si, para ouvir o outro e encontrar nela os seus, ela permanece sendo um lugar distante, que não conversa com quem mais deveria importar, apenas comunica, impõe. Ter o poder de falar do que se sente, do que se é, do que já foi vivido e de como foram as suas experiências até então, é um ato revolucionário, necessário a sobrevivência da escola pública de qualidade e da docência livre, sem mordação.

3.5. Improvisar é saber utilizar seu repertório

Conhecimento é o que importa

Deixa a mente engatilhada

Metendo o pé na porta

De sabedoria vem rajada

O *freestyle*, o improviso no estilo livre pode ser para o MC, o mesmo que dançar livremente para um bailarino. E assistir um bailarino que tem treino e repertório, improvisando passos de dança é tão prazeroso quanto pode ser uma batalha entre MC's habilidosos ou ainda, assistir uma aula com uma professora que promove um espaço aberto, livre, que acolhe propostas e conduz a aula confiante diante das mudanças que possam surgir. Improvisar é uma questão que acompanha desde sempre a minha prática, mas não se trata de improvisar despreparada. O improviso que venho praticando ao longo da minha trajetória como professora de teatro, foi fruto da necessidade de voltar a trabalhar tão logo que ingressei na graduação. Grávida, universitária e desempregada, aceitei prematuramente a vaga deicineira do projeto social Construindo um Novo Caminho, executado em Esteio no mesmo ano em que iniciei o curso.

Relato aqui a experiência da primeira aula de teatro que ministrei, afim de compartilhar a dificuldade (e porque não o desespero?) que enfrentei ao me deparar com a realidade da escola pública e de periferia, sendo que as referências mais recentes de aulas de teatro que eu tinha, eram as aulas práticas do Departamento de Arte Dramática. Hoje lembro com bom humor os

quarenta e cinco minutos que passei com aquela turma de primeiro ano do Ensino Fundamental naquele primeiro dia inesquecível.

Ao chegar na escola, fui conduzida até a sala em que aconteciam as aulas do projeto, e como se tratava de uma sala compartilhada com outras oficinas, metade do chão era coberto pelo *tatami*, que é um piso próprio para as aulas de judô, e também ali estavam armazenados todos os instrumentos das aulas de música e da banda da escola. Em menos de cinco minutos sozinha com os alunos eu já havia perdido o controle, que rapidamente se movimentavam de um lado pro outro, dando golpes nos colegas, subindo nas cadeiras que estavam aglomeradas na outra metade da sala, tocando os surdos, os pratos, a caixa, batendo as baquetas e gritando muito. Senti muita vergonha por não conseguir nem sequer realizar a primeira atividade do meu ingênuo plano de aula, então resolvi improvisar. Subi nas cadeiras ao fundo da sala e comecei a rugir como um monstro. A maioria deles demorou alguns minutos para entender o que eu estava propondo, mas assim que foram compreendendo que aquilo era um jogo, entraram na minha. Naquele momento, pela primeira vez desde que eu havia entrado na sala, estávamos juntos, e porque o plano teve de ser improvisado. Permaneci mais de vinte minutos ininterruptos imitando um monstro e eventualmente me defendendo dos ataques das crianças, na intenção de abater esse terrível monstro. Saí da sala sem voz, com um corte na perna e um roxo no braço, porém voltei na semana seguinte, e o vínculo que construímos foi fonte de muitas aulas prazerosas e muito menos assustadoras para mim.

Afinal, para quem preparamos as aulas? Para nós mesmos, para os nossos professores da graduação ou para os alunos que encontramos na sala? Mais uma vez o encontro! Quando encontramos nossos amigos e nos colocamos a conversar, a trocar ideias, não ensaiamos e nem decoramos textos previamente. Baseamos nossas falas nas afinidades que dividimos com o nosso interlocutor e simplesmente improvisamos. Improvisamos na sala de aula também, improvisamos respostas baseadas em nossos saberes e também na humildade de assumir a ausência delas, improvisamos sobre a estrutura do plano de aula, que não de ser seguido pela turma, e sim ele quem deve seguir a turma. Para que o processo educativo seja sempre um espaço de múltiplas vias, a abertura ao improviso é primordial para o fluxo de troca, de

retroalimentação que mantêm a organicidade do aprendizado que é empírico, que é não-formal, que é vital.

3.6. O professor aprende, o estudante ensina

*A troca de ideia é a base pra rimar
Quem ta na plateia vê a mente acionar
E para responder, já começa a pensar
Todo mundo nessa roda é capaz de ensinar*

Inverti um verso do Black Alien, outro MC do qual sou muito fã, pra fazer uma provocação pertinente a esta parte do trabalho onde falo da retroalimentação entre aluno e professor, que deve acontecer no processo educativo. Em participação na música *Um Bom Lugar* do saudoso MC Sabotage, Black Alien diz:

*“Mestre das armas,
do microfone à esgrima.
Vê se me entende,
o estudante aprende,
o professor ensina.
O verbo que fortalece como vitamina
Contamina, na nova velha escola
Como o vírus ebola
Biate (rebola)”*

(Um Bom Lugar, BLACK ALIEN, 2001)

Percebo tanto no rap, como na sala de aula, um constante movimento de retroalimentação que se estrutura também, em todas os outros pontos aqui referidos, e resulta na via infinita da troca de saberes. Quando estou nas rodas de rima entro em contato com informações que ainda não haviam chegado até mim ou que eu ainda não havia me interessado em buscar. Durante os improvisos é comum que nós MC's venhamos a errar ou nos equivocarmos em alguma construção de argumento, e é quando alguém corrige outro alguém

ainda por meio da rima improvisada, que vejo o elemento do conhecimento se manifestando mais genuinamente na experiência que tive cultura.

Durante as aulas de teatro na universidade pude entrar em contato com pessoas de realidades que eu sequer conhecia. Julgo que nesse universo múltiplo de existências, encontrei espaço para trocar ideias, literalmente. Durante alguns semestres na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tive a oportunidade de ter aulas com alguns professores que realmente eram progressistas, que entendem e promovem a valorização do processo na arte do teatro, e não apenas do produto que é dito acabado, o que me parece um bocado distópico da arte cênica, sempre acontecendo e naturalmente viva. Essas experiências me levaram ao processo de reconhecimento do valor artístico e pedagógico das oficinas que ministrei nos projetos Mais Educação e Construindo um Novo Caminho, em Esteio, gerando vontade de refletir a respeito dessa prática, culminando na presente pesquisa.

As aulas de dança, por exemplo, eram estruturadas a partir de jogos que previam a criação de passos e movimentos pelos próprios alunos, conduzindo a dinâmica da aula para um processo puramente coletivo. Durante as aulas, todos nós – alunos e professora - aprendíamos novos passos, ensinávamos e obviamente, inventávamos muito, mixando partes de coreografias que havíamos trazido de outros lugares, de outras vivências, pois não surpreendentemente, aquelas crianças e adolescente já haviam vivenciado muitas experiências. Aposto nesse exemplo de aula, para dar conta de ilustrar o valor que credito à troca de saberes entre docente e discente durante as aulas. As aulas de dança e teatro eram momentos que eu me permitia brincar novamente, como fazia há mais de dez anos quando aluna naquela mesma escola, em que agora eu estava como professora. Ciente de que aquele antigo prazer da curiosidade, aquela alegria das risadas compartilhadas e a invenção infinita dos tempos de escola, era o que havia de mais precioso para que pudesse compartilhar e trocar com meus alunos.

Oficina de teatro do Mais Educação



Fonte: Arquivo Pessoal

Oficina de teatro do Mais Educação



Fonte: Arquivo Pessoal

Oficina de dança do Mais Educação



Fonte: Arquivo Pessoal

Oficina de dança do Mais Educação



Fonte: Arquivo Pessoal

4. FALANDO A MESMA LÍNGUA

Ao iniciar esta pesquisa, não imaginava os caminhos por onde ela me levaria, assim como não imaginava que a professora-mc já existia. Foi um processo longo e lento, forjado na força, na persistência, na resiliência e na espera. Esperei por muito tempo até ter a certeza (que é efêmera, eu sei) de que havia encontrado o meio de pesquisar o que eu fazia, o que eu sabia, o que eu era. Foi fundamental conhecer o *ator-mc* para que eu pudesse vislumbrar a possibilidade de trazer para a minha formação, tudo o que eu sei e vivo como MC. Minhas paixões pelo teatro, pela cultura hip-hop e pela educação me mobilizou a descobrir como construir pontes entre as artes, entre as culturas. Descobrir formas de estar, de compartilhar, de aprender, de ensinar, de escutar, de falar.

Falar a mesma língua demanda generosidade, e a capacidade do professor sentir empatia por seu aluno. Ao lançar o olhar sobre toda a trajetória percorrida até chegar ao final da graduação, dentre tantas outras descobertas, percebi que tanto na cultura hip-hop, nas aulas da escola regular, no teatro de oficina ou nas aulas da graduação, as dificuldades do caminho foram ampliadas diante da incomunicabilidade. Na cultura hip-hop há uma infinidade de gírias e termos com os quais demorei alguns anos para me habituar. Existe também uma velocidade na fala, que, antes de nos acostumar, influencia totalmente na forma como entendemos o que está sendo dito.

Na escola, muitas vezes as palavras nos eram apresentadas como se já houvéssemos escutado, gerando em mim grande curiosidade sobre a sua fonética. Lembro de uma aula de matemática em que fiquei totalmente distraída enquanto a professora explicava as expressões numéricas, e eu pensava apenas na palavra “colchete”. Parece um lembrança boba, mas acredito que é mais uma forma de exemplificar a necessidade de falar a mesma língua.

Nas aulas de teatro também utilizamos termos específicos da área, mas quando estamos na sala de aula, devemos saber falar a mesma língua de quem está diante de nós. Houve uma vez que falei para os alunos, em uma sala de aula, para “caminharem no espaço” e mediatamente todos começaram a andar como se estivesse na lua, com baixa gravidade. Ingenuamente pensei que poderia sair falando os termos que eu ouvia nas minhas aulas de teatro,

sem pensar que falar a mesma língua era primordial. E para falar a mesma língua destas pessoas, precisamos ouvi-las, instigá-las a falar também e descobrir como se comunicam. Devemos buscar um meio de estabelecer uma comunicação horizontal e livre.

As pedagogias que propus nesta pesquisa são constituintes de um modo de falar a mesma língua, que acredito ter encontrado na cultura hip-hop, sobretudo na figura de mestre de cerimônias. Ser professora-mc significa pra mim muito mais que ser professora e ser MC. É entender a impossibilidade de ser apenas uma ou outra. É levar para a sala de aula também o conhecimento que me é exigido como MC, e manter nas rodas de rima a conduta de professora. É estar em roda, olhar e ser visto. É responder com humildade e generosidade. É jogar, atuar, improvisar.

Este trabalho foi elaborado em tempos de incessantes tentativas de desmonte da educação pública, gratuita e de qualidade. Iniciativas que visam apenas lucro de grandes empresas, destinam os estudantes à uma formação calcada na produção industrial, na prestação de serviços e no comércio. Estudar é muito mais que aprender técnicas para servir. Estudar é um movimento emancipatório, é construir seus próprios meios de ver, pertencer e modificar a sociedade em que vivemos. Concluir minha formação na graduação com uma pesquisa que afirma a minha cultura, a cultura hip-hop, como meio de pesquisa de métodos que podem ser levados para a prática docente, é a maneira de pesquisar que defendo.

Em uma cultura que nasce como resposta ao sistema opressor e indiferente às minorias, podemos encontrar inspiração na força de renascimento, de resistência, para que possamos levar para a sala de aula, para as salas de teatro toda a vitalidade do hip-hop. Que as professoras-mc se multipliquem. Que as MC's se deem conta de que podem ser multiplicadoras do conhecimento, também nas salas de aula. Que as atrizes enxerguem na fala das MC's, uma outra forma de se comunicar com o público, seja nas rimas ou nos depoimentos. Que as professoras sejam cada vez mais o que elas são, antes mesmo de serem professoras.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Conversas com que gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez Editora e Editora Autores Associados, 1980.
- AFRIKA Bambaataa e a origem do hip hop. *Revista Raça*. 2016. Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/afrika-bambaataa-e-a-origem-do-hip-hop/>> Acesso em 30 nov. 2019.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução de Édna de Marco. *Estudos Feministas*. V. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- ANSELMO, Bruna. Slampoetry no Rio Grande do Sul. *Fazia poesia*, 2018. Disponível em: <<https://faziapoesia.com.br/fazendo-poesia-slam-poetry-no-rio-grande-do-sul-280f1b279ef7>>. Acesso em 18 nov. 2019.
- A PROCURA da poesia perfeita. *Catraca Livre*, 2019. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/agenda/saraus-em-sp/>> Acesso em 04 nov. 2019.
- BROWN, Mano. *Vida Loka Parte II*. São Paulo, Zimbabwe Records, 2002.
- CAPELLÃO, Tony. Inauguração da Casa do Hip Hop de Esteio será no próximo domingo. *No palco*, 2017. Disponível em: <<https://www.jornalnopalco.com.br/2017/11/08/inauguracao-casa-da-cultura-hip-hop-de-esteio-sera-no-proximo-domingo/>>. Acesso em 12 dez. 2019.
- COOPERIFA, 2006. Disponível em: <http://cooperifa.com.br/?page_id=9>. Acesso em 04 nov. 2019.
- CRIOLO. *Bréaco*. São Paulo, SkyBlue Music, 2006.
- D'ALVA, Roberta Estrela. *Teatro Hip Hop: a performance poética do ator-mc*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DICIONÁRIO da arte urbana. *Arte Urbana*, 2011. Disponível em: <<http://arteurbana13.blogspot.com/2010/04/toy-sao-os-writers-que-estao-comecando.html>>. Acesso em 12 dez. 2019.
- ECHEGARAY, Maria Auxiliadora Andrade de. Sarau: herança do Brasil Colonial que hoje democratiza a cultura, *Jornal do Professor*, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@jornaldoprofessor.adufg/sarau-heran%C3%A7a-do-brasil-colonial-que-hoje-democratiza-a-cultura-3da40f3f66a5>> Acesso em 04 nov. 2019.
- ESCOLA normal no Brasil. *ESTEDBR Unicamp*, 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_escola_nor_mal_no_brasil.htm#_ftn1>. Acesso em 03 nov. 2019.

GUACIRA Lopes Louro. *Escavador*, 2019. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/1216236/guacira-lobes-louro>>. Acesso em 03 nov. 2019.

FAGUNDES, Patrícia. A reinvenção da memória na cena: uma máquina relacional. In CONGRESSO DA ABRACE, 7., out. 2012, Porto Alegre. *Anais...*São Paulo: Memória Abrace Digital, 2012.

_____. O diretor como artista relacional. *Cena*. v. 20, p. 159-167, 2016.

_____. O teatro como um estado de encontro. *Cena*. v. 7, p. 31-41, 2009.

FERREIRA, Jeff. 12 de novembro: o dia mundial do hip hop – um breve histórico. *Submundo do som*, 2019. Disponível em: <<http://www.submundodosom.com.br/2019/11/12-de-novembro-dia-mundial-hip-hop-um.html>>. Acessado em 12 dez. 2019

FERREIRA, Maíra Soares. *A rima na escola, o verso na história*. São Paulo: Boitempo, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HISTÓRIA do breake dance. *Dança de Rua*, 2009. Disponível em: <<https://www.dancaderua.com/extras/historia-do-break-dance>>. Acessado em 12 dez. 2019

ICLE, Gilberto. Problemas teatrais na educação escolarizada: existem conteúdos em teatro? *Urdimento*. v. 2, n. 17. p. 71-77, 2011.

LARGO São Bento, o berço do hip hop brasileiro. *Pátio Metrô São bento*, 2018. Disponível em: <<https://patiosaobento.com.br/largo-sao-bento-berco-do-hip-hop-brasileiro/>>. Acesso em 04 nov. 2019.

LEI nº 3525, de 14 de julho de 2011. *Leis Municipais*,2011. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/e/esteio/lei-ordinaria/2011/533/5325/lei-ordinaria-n-5325-2011-institui-a-semana-municipal-do-hip-hop-a-ser-realizada-anualmente-na-segunda-quinzena-do-mes-de-novembro-que-passa-a-integrar-o-calendario-oficial-de-eventos-do-municipio-de-esteio-e-das-outras-providencias?q=semana+do+hip+hop>>. Acesso em 25nov. 2019.

LOURO. Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M.D. (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2000. P. 443-479.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. Tradução de Daniele Ávila. *Urdimento*. v. 2, n. 15. p. 107-122, 2010.

RYNGAERT. Jean-Pierre. *Jogar, representar: práticas dramáticas e formação*. Tradução de Cássia Raquel da Silveira. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 1995.

SABOTAGE; ALIEN, Black. *Um Bom Lugar*. São Paulo, Cosa Nostra, 2001.